

CHEGOU O PLANO PARANÁ

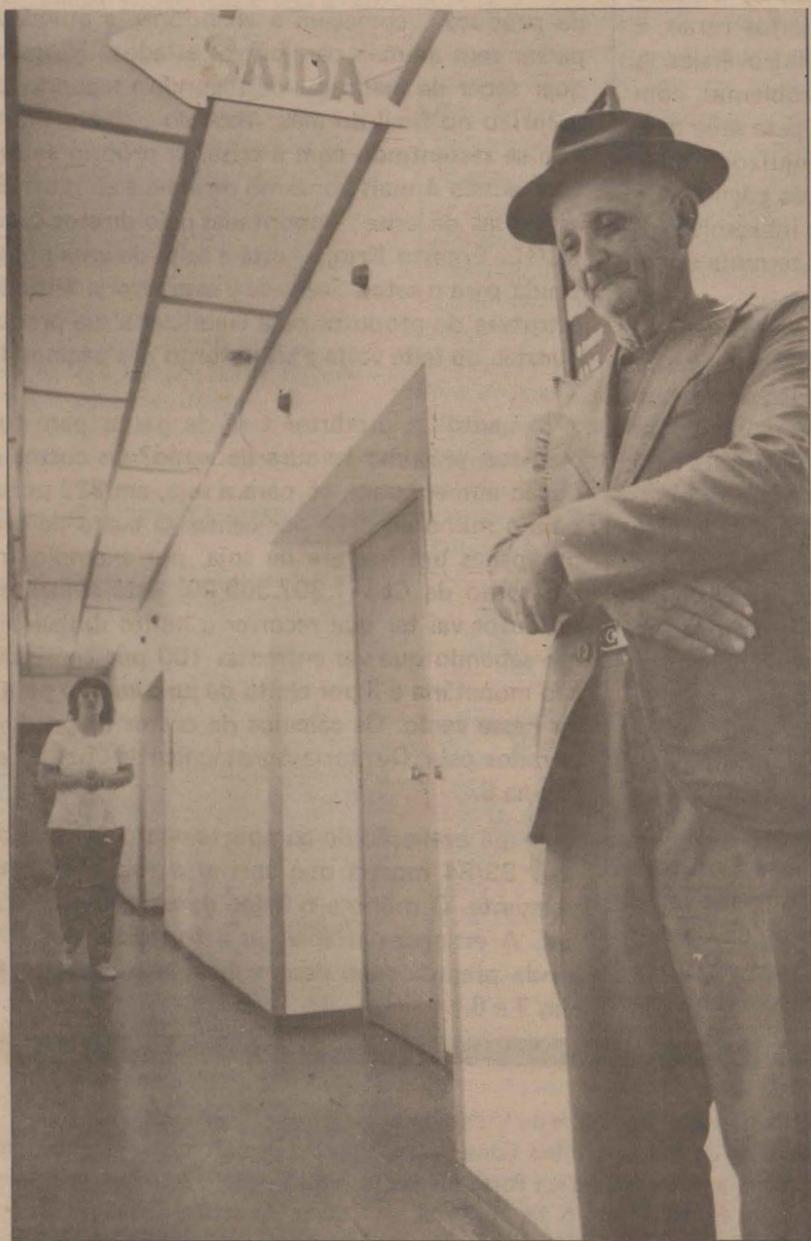
- *Vantagens: internações em qualquer município e fim das restrições que impediam realização de cirurgias*
- *Desvantagens: Previdência não cobre os custos dos hospitais. E segurado acaba pagando pela "diferença"*

Página 4



A vez da Campanha opinar

Páginas centrais



Quanto o produtor precisa ganhar pelas plantas de verão?

Levantamento revela que custo da lavoura de soja cresceu 322 por cento

Página 8



plebiscito

Votação dia 21 de agosto

Última página

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
Diretoria Executiva

Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina
Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, Abu Souto Bicca.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes
Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí.

Ao leitor

A crise da Previdência Social no Brasil não é segredo para ninguém, pois vem sendo empurrada com a barriga, como se diz, há muito tempo. O setor enfrenta um déficit crônico, que já passou pelas mãos de muitos ministros e não parece de fácil solução. Pois nos últimos anos, no Paraná, surgiu um plano como tentativa de se reduzir os gastos na área do atendimento médico-hospitalar, que no Brasil é cuidada pela Previdência, e não pelo Ministério da Saúde. Esta novidade, que acabou ganhando o apelido de Plano Paraná, mereceu o apoio das autoridades de Brasília e se estendeu aos outros Estados, desde fevereiro, atingindo inicialmente os segurados urbanos. Agora, dia 21 de junho, o Plano passou a valer também para os beneficiários rurais, e começa a ser implantado, com muitas controvérsias. A Previdência irá de fato amenizar seus problemas, com essa inovação? Certamente que não. Mas já se sabe que, numa comparação entre benefícios e prejuízos para o segurado, o que sobra é preocupação. Nas páginas 4 e 5, uma análise do Plano Paraná, que não irá resolver os tantos problemas da Previdência Social e termina criando outros para os beneficiários.

Também em Dom Pedrito, como já aconteceu no Mato Grosso do Sul, dirigentes, associados e funcionários da Cotrijuí vão, aos poucos, participando da avaliação em torno da postura da Cotrijuí. Esta auto-análise, como é definida, serve para que se questione o comportamento da Cooperativa em cada área de atividade e, ao mesmo tempo, se faça uma correção de rumos onde isso for preciso. O debate, em Dom Pedrito, aconteceu durante um seminário interno e um encontro com representantes e lideranças. Os resultados dessa avaliação estão nas páginas centrais.

O plebiscito sobre a Estrutura do Poder, em experiência nos últimos anos na Cotrijuí, já está com data marcada. Dizendo "sim" ou "não", os associados irão decidir, através do voto secreto, se essa Estrutura deve ser incorporada aos Estatutos da Cooperativa. A consulta acontecerá em toda a área de ação da Cooperativa, com urnas fixas nas unidades e urnas volantes que percorrerão o interior dos municípios, durante to-

do o dia. Na última página, o produtor terá as primeiras informações sobre a forma de realização do plebiscito, e pode contar também com mais esclarecimentos a respeito do que, afinal, representam as mudanças propostas para o quadro social e, em consequência, para a Cotrijuí.

A crise que atinge o setor leiteiro ainda persiste na medida em que o governo praticamente ignora as reivindicações do setor e reajusta os preços dos produtos com índices inferiores aos desejados. Enquanto durar essa situação, todos vão continuar perdendo. Os produtores, por não conseguirem cobrir os altos custos da produção, começam a abandonar a atividade e repassar seus animais para outros estados. Ninguém mais quer saber de madrugar de segunda a segunda, para ter prejuízo no final do mês. Mas não é só o produtor que está se ressentindo com a crise. O próprio setor industrial já não é mais o mesmo de alguns anos atrás. Entre as causas da crise — apontadas pelo diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug — está a falta de uma política definida para o setor. Soma-se a esse fato a falta de infraestrutura do produtor para viabilizar a sua produção. A questão do leite volta a ser assunto nas páginas 13 e 14.

Quanto o produtor terá de gastar para formar a sua próxima lavoura de verão? Os custos de produção aumentaram, só para a soja, em 322 por cento, e para o milho em 312 por cento. O custo de produção de apenas um hectare de soja, por exemplo, vai ficar em torno de Cr\$ 1.397.300,00. Está evidente que o produtor vai ter que recorrer a muito dinheiro — mesmo sabendo que vai enfrentar 100 por cento da correção monetária e 3 por cento de juro ao ano para produzir nesse verão. Os cálculos de custos de produção elaborados pela Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí estão na página 6.

Uma avaliação do comportamento da safra de verão 83/84 mostra que apenas a soja produziu razoavelmente. O milho e o feijão deram prejuízo ao produtor. A estiagem atrapalhou a formação das lavouras e ainda prejudicou o desenvolvimento das plantas. Páginas 7 e 8.

Do leitor

POSTO DE SAÚDE

Informamos que a Unidade do Posto de Saúde Dr. Bozano, no período de 11 de julho até 1º de agosto, funcionará somente nas quartas-feiras. O atendimento continuará sendo normal.

Centro de Saúde de Ijuí

ASSINATURA

Como desejo possuir uma assinatura do Cotrijornal, entou enviando o valor referente ao preço cobrado.

Atenciosamente

Ivar J. Kreutz

Santa Maria - RS

CONSERVAÇÃO DO SOLO

Estamos solicitando a colaboração na divulgação do V Congresso Brasileiro

de Conservação do Solo e do V Encontro Nacional de Pesquisa sobre Conservação do Solo, a se realizarem em Porto Alegre, a partir do dia 15 até o dia 20 de julho próximo.

O Encontro terá lugar no auditório da EMATER/RS, dias 15 e 16 de julho, e o Congresso, com inauguração no dia 16 à noite e com apresentação dos trabalhos do dia 17 ao dia 20 de julho, será realizado no Centro de Convenções do Hotel Plaza São Rafael.

Pela sua atenção, desde já ficamos agradecidos.

Eng. Agr. Nilceu T. L. da Silva
Presidente da Comissão Organizadora

PRÊMIO ABERJE

Gostaríamos de contar com a sua participação sugerindo pelo menos um nome de pessoa de sua inteira confiança, idônea, responsável e ligada à área de comunicação empresarial para integrar a Comissão Julgadora.

Esclarecemos que os três nomes que tiverem o maior número de indicações serão os jurados. Você poderá sugerir, portanto, até três profissionais.

Aguardamos sua resposta, por carta, endereçada à ABERJE, à rua Dona Antonia de Queiroz, 474, conjunto 2, São Paulo, CEP 01307, até a data limite de 20 de julho.

Contamos com a sua colaboração para que o Prêmio ABERJE alcance os níveis de prestígio e qualidade que todos nós desejamos.

Celene Moreno
Diretora Secretaria Geral



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS

A Cotrijuí dispõe de sua própria Corretora de Seguros, prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure sempre a nossa orientação. Seja você o próximo a usar estes serviços, pedindo quaisquer informações sobre Seguros em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.
Em Ijuí: rua das Chácaras, 1513 — fone 332-2400 — ramal 364

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 3.500,00. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. - Cotrijuí - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111) - Ijuí - RS CEP 98.700.



Há saída para o Proagro?

O Proagro pode desaparecer? Esta ameaça chegou a existir, pois uma comissão formada por técnicos dos ministérios da Fazenda, Planejamento e Agricultura andou estudando o assunto e até a sugerir a medida. Depois, a proposta foi deixada de lado, mesmo porque não se sabe que tipo de seguro seria criado para substituir o Proagro. Esta mesma comissão apresentou, no entanto, algumas mudanças que visam facilitar o sistema utilizado para cálculo da cobertura do seguro, quando de safra frustrada. O mais importante, entre as decisões sugeridas, é que o Proagro poderá passar a dar garantia de cobertura única, na base de 90 por cento do que foi investido na lavoura. Hoje, as indenizações são variáveis, de acordo com a faixa de cobertura, e oscilam de 70 a 100 por cento. Há muito tempo o Proagro vem dando prejuízo ao governo, e por isso estão sendo buscadas saídas para o seguro.



Pequena mas bem atenta

No meio de tanta gente grande, que andou visitando a Cotrijuí em Dom Pedrito, no dia 22 de junho, a figura da estudante Laura Lampert Torres conseguiu chamar a atenção. Laura tem 10 anos e integra a turma 42, da 4ª série da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Nossa Senhora do Horto. E chamou a atenção por ser o menor de todos os visitantes, que formavam um grupo de quase 40 pessoas, representando várias entidades do município. Ela foi convidada pela direção da escola, para visitar a Cooperativa em nome dos alunos, e assistiu palestras, conheceu todos os departamentos, viu slides. No final da visita, programada pela Regional, ela confessou que pouco sabia a respeito da Cotrijuí. A menina, filha do médico e criador José Hamilton e de dona Delta Maria Torres, levou para a escola uma pasta com informações sobre a Cooperativa. Quando lhe perguntaram se havia entendido tudo o que mostraram aos visitantes, Laura respondeu: "Mais ou menos".

Mais aperto

A retirada gradual do subsídio ao crédito rural, que vem acontecendo nos últimos quatro anos, deixa a impressão de que esta faixa de recursos, para a produção de alimentos, simplesmente deixará de existir em pouco tempo. A cada ano a situação vai ficando mais apertada, mas a agricultura poderá mesmo entrar em estado de choque no segundo semestre deste ano. As previsões são de que irá faltar, e muito, dinheiro para a formação das lavouras de verão. O quadro é pintado de negro por quem entende do assunto, para que ninguém fique surpreso com o que pode acontecer. Um exemplo de que o arrocho é mesmo de apavorar: os custos para as lavouras de verão devem crescer, em média, 260 por cento, em relação aos de 1983, enquanto que a disponibilidade de crédito para a agricultura será aumentada em somente 58,8 por cento para o segundo semestre. A diferença, entre o que será preciso para formar a lavoura e o dinheiro disponível, é grande demais. Dos Cr\$ 4,9 trilhões que seriam aplicados em custeio este ano, Cr\$ 3 trilhões já teriam sido gastos com a lavoura de inverno. Para as safras de verão restaria apenas Cr\$ 1,9

trilhão.

Acontece que o Banco do Brasil vem cortando, ano a ano, suas aplicações em crédito rural. E os bancos privados não oferecem, como compensação, um aumento na destinação de recursos para o setor primário. O que se ouve e se constata é que tudo isso não apavora apenas o produtor, mas também o consumidor, as indústrias de insumos e o próprio governo. A situação fica confusa e o alarma é geral. É que, com dinheiro caro e escasso, a produção tende a cair, e os alimentos sobem de preço. Aí, quem grita é o produtor. Também em função disso, o produtor compra menos adubo e outros insumos. Desta vez, quem perde é a indústria. E, por último, com alimento caro, sobe a inflação, e neste caso quem chora é o governo. O estranho nisso tudo é que o subsídio ao crédito rural foi sendo extinto exatamente para tentar conter os gastos oficiais com a agricultura e assim segurar a inflação. E vale lembrar que um produtor descapitalizado não consome, não compra. E se ele não compra, o comércio e a indústria não vendem. E assim vai.

Arroz: cresce boicote

Agora é pra valer: as barreiras montadas pelos plantadores de arroz, nas saídas dos municípios, não deixarão nenhuma carga do produto circular pelas rodovias do Rio Grande do Sul. Desde o dia 23 de junho os arroteiros vinham bloqueando as estradas, mas este plano teve algumas falhas. As barreiras permitiam a passagem de caminhões que transportassem arroz com notas fiscais que acusassem preço de venda, da saca de 50 quilos, igual ou superior a Cr\$ 16 mil. Aconteceu que muita gente teria cruzado pelos piquetes com notas frias, e isso até que irritou as lideranças do setor. O movimento, contra o baixo preço mínimo do produto, foi intensificado no dia 16 de julho, pois a decisão — tomada em assembléia — é de impedir a circulação de caminhões, mesmo que os preços de venda estejam acima do estabelecido como remunerador, que são os Cr\$ 16 mil. Os arroteiros esperam assim criar um impasse no abastecimento, mesmo que as autoridades, em Brasília, já tenham anunciado que não irão alterar o preço mínimo. Este mínimo era de Cr\$ 11.200,00, pela saca de 50 quilos, com casca, até janeiro. Em junho, o governo corrigiu o valor para 13.500,00, mas este reajuste não satisfaz os produtores. Com o boicote que se iniciou no dia 23 de junho, a intenção era de forçar uma nova revisão no preço mínimo, ou pelo menos provocar uma reação no mercado, com as indústrias pagando acima deste piso oficial. Houve reação, mas esta não foi considerada satisfatória, em função até mesmo do jeitinho encontrado pelos que se utilizam de notas frias. Não se sabe por quanto tempo irá durar ainda o movimento, mesmo que poucos esperem uma reviravolta na posição do governo.



Uma garça esperta

Nunca os campos da região da Campanha do Rio Grande do Sul estiveram com tantas garças brancas como agora. Ano a ano elas aparecem em maior número, e vão aos poucos ocupando áreas de municípios onde até pouco tempo eram raridade. A garça campeira, como é chamada, teria vindo da África, e muda de lugar de acordo com o clima. Nos campos de Dom Pedrito, onde proliferaram mesmo nos últimos quatro anos, elas surgem no outono, e na primavera meio que desaparecem. A ave parece gostar do frio

e é muito esperta, pois anda sempre no rastro do gado. O animal facilita o trabalho da garça, na busca de alimentos, deixando para trás um pasto ralo e pisoteado, onde a ave encontra minhocas e outros bichinhos. Mas ela também tem seu jeito de agradecer este favor, comendo o carrapato do gado e ajudando no controle deste parasita. Estas que aparecem na foto acompanham ovelhas, todos os dias, num pasto defronte a sede da Cotrijuí em Dom Pedrito.

Notas

- Dia 20 de julho a Cotrijuí completa 27 anos. E mais uma vez teremos a Feira de Produtos Coloniais, em Ijuí, na área defronte ao prédio do supermercado. Das 8 às 16 horas, poderão ser adquiridos produtos alimentícios e peças de artesanato. Antes da abertura da Feira — que acontece em sua terceira edição — haverá hasteamento das bandeiras, no pátio da Cotrijuí, às 7 horas e 40 minutos.
- Está pronto o projeto do governo, que estabelece as leis para disciplina da comercialização e uso dos defensivos agrícolas no Brasil. O texto será logo encaminhado ao Congresso, e já preocupa técnicos e ecologistas,

pois a lei federal pode tornar nulas muitas das normas existentes em leis estaduais, como a que é obedecida no Rio Grande do Sul.

- O setor de máquinas e implementos agrícolas fechou o primeiro semestre deste ano com um movimento de vendas, no Estado, que não acontecia desde 1980. As indústrias venderam bem mais que no mesmo período de 83, e o crescimento, em alguns casos, passou de 100 por cento. A melhoria é atribuída aos bons preços conseguidos pela soja, e pode ser apenas momentânea, num setor que entrou em crise em 1979.

O Plano Paraná

O que há de bom e de ruim neste novo atendimento hospitalar

O Plano Paraná deixou de merecer a atenção apenas dos beneficiários da Previdência Social que residem na cidade. Desde o dia 21 de junho ele interessa também aos moradores da zona rural, que passam a contar com assistência médico-hospitalar pelo novo sistema. De início, o Plano parece ser muito bom, pois termina com a polêmica em torno das verbas fixas que até então eram destinadas aos hospitais para atendimento aos agricultores. Mas se for examinado mais de perto, ele deixa motivos para preocupações, que já atingem, em função da prática, há mais tempo os trabalhadores urbanos.

O Plano Paraná é, na verdade, o apelido dado ao Samhps — Sistema de Assistência Médica Hospitalar da Previdência Social, instituído pelo governo federal, e que altera muitas das normas que vinham vigorando nesta área. O Plano ganhou este apelido porque surgiu no Paraná, como experiência, e de repente passou a ser utilizado nos demais Estados. Para os trabalhadores urbanos e outros segurados que residem na cidade, ele vigora desde fevereiro, e teria trazido muito mais prejuízos do que benefícios.

INTERNAÇÃO COM DIAS CONTADOS

O novo sistema consiste basicamente no pagamento dos serviços médicos e hospitalares, quando de internações, de acordo com uma tabela de preços. Esta tabela não só estabelece os valores a serem pagos pela Previdência aos hospitais e médicos, como determina inclusive o tempo de internação dos pacientes, dependendo do tratamento necessário. Para uma operação de apendicite, por exemplo, o tempo determinado é de cinco dias, e a Previdência paga aos hospitais atualmente Cr\$ 114.877,00 (veja tabela abaixo).

Os hospitais, que antes não tinham este tipo de controle exercido pelo INAMPS, agora têm que se adequar à nova realidade. E isso não está sendo nada fácil para a maioria, mesmo que alguns administradores de casas de saúde cheguem a garantir que a situação melhorou. Acontece que, a partir de agora, um doente que exija maior tempo de internação, como os pacientes com problemas crônicos, quase sempre dará prejuízo para os hospitais. É claro que o Plano prevê uma dilatação no prazo de internação, para estes casos, mas quanto maior for o tempo de permanência, maior será o prejuízo.

Os segurados urbanos saíram perdendo com a mudança, porque antes eles não tinham este tipo de limitação, representado pelos valores máximos, ou seja, pelos tetos estabelecidos para cada atendimento, e também pelo tempo de internação. E por que saíram perdendo? Porque os hospitais, para não enfrentar despesas que a Previdência Social deixa a descoberto, fazem com que o paciente pague boa parte do atendimento. São muitos os exemplos de segurados que se viram obrigados a comprar medicamentos não fornecidos pelos hospitais, mesmo durante o período de internação.



Sindicalistas com diretor do INAMPS: mudança vai dar certo?

ATENDIMENTO SERÁ SATISFATÓRIO?

E isso ocorre porque os tetos são insuficientes para cobrir os gastos. O beneficiário fica então, mais uma vez, na condição de recheio para o sanduíche que tem, de um lado, a Previdência Social, e de outro os hospitais. Outro risco oferecido pelo Plano Paraná é o de que muitos pacientes talvez não venham a contar com a assistência que realmente necessitam, em consequência desta atenção que as casas de saúde passam a dar ao controle das despesas. E, para completar, tem gente que teme receber alta antes do tempo, terminado o prazo de internação, mesmo que não esteja bem recuperado.

Por tudo isso, o agricultor não recebe com o entusiasmo esperado pelo governo estas mudanças no atendimento. Tanto o empregador rural como o pequeno produtor e o trabalhador assalariado da lavoura poderão enfrentar os mesmos problemas que já estão sendo sentidos pelo pessoal da cidade. Apesar do Plano Paraná ser, aparentemente, vantajoso para todos, é preciso considerar esses pontos negativos do sistema. O cardiologista Bruno Wayhs, chefe de Serviço de Medicina Social do INAMPS em Ijuí, acha que o Samhps é "um avanço para o agricultor", mas admite que nem tudo irá ser melhor do que antes.

A primeira vantagem está no fato de que o produtor poderá ser internado em qualquer hospital, e não só nas casas de saúde de seus municípios, como acontecia até então. Ele também terá acesso a muitas cirurgias que raramente eram realizadas, como lembra o médico, em função da verba fixa que era repassada pelos convênios aos hospitais. O próprio Wayhs já autorizou muitas operações de catarata, depois do dia 21 de junho. Antes, as cirurgias eram realizadas considerando-se prioridades, para que não houvesse estouro nas verbas.

É PRECISO BUSCAR O ENTENDIMENTO

O INAMPS somente autorizava operações em casos de urgência, ou se o agricultor dependia da cirurgia para trabalhar. A catarata, que ataca a visão, é geralmente uma doença de pessoas idosas, e os velhos ficavam na fila à espera de internação. Bruno Wayhs participou, no dia 28 de junho, de uma reunião em Ijuí, a convite de dirigentes sindicais que integram a regional da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), quando esclareceu algumas questões relacionadas com o Plano Paraná e reconheceu que, no meio de muitas vantagens, há problemas que somente serão superados com o entendimento.

Ele admitiu que a cobrança da chamada "diferença", pelos hospitais, é uma prática comum, e pode atingir os agricultores. Mas sua condição como fiscalizador dos atos desses hospitais é bastante limitada, mesmo porque, em muitos casos, não existe como provar a cobrança. As irregularidades são encaminhadas à direção do INAMPS, e todos sabem que são poucos os exemplos de punições. "O que não podemos fazer é radicalizar nossas posições, jogando paciente contra médicos e hospitais, mas procurar conversar, para que a situação não fique pior ainda", aconselhou ele.

Nessa reunião, tanto o médico como os presidentes de sindicatos de trabalhadores rurais reconheceram que o Plano Paraná, com seus benefícios e prejuízos, é apenas mais uma consequência das deficiências da política previdenciária e de saúde que se pratica no Brasil. O Plano até que seria bom, se garantisse o justo pagamento pelos serviços prestados pelos hospitais, e não estabelecesse regras meio absurdas, como dias contados para tratamento de um doente.

OS VALORES PAGOS AOS HOSPITAIS

Atendimento prestado ¹	Diárias e taxas hospitalares	Material e medicamentos	Médico, auxiliar e anestesista	Serviços de labor. e raio X	Totais (Cr\$)
Operação apêndice	36.611,00	38.062,00	33.750,00	6.454,00	114.877,00
Parto normal	26.811,00	6.294,00	24.780,00	1.052,00	58.937,00
Parto cesariana	40.600,00	31.193,00	42.670,00	2.148,00	116.611,00
Broncopneumonia	39.200,00	28.949,00	16.640,00	11.489,00	96.278,00



Bruno Wayhs: não podemos radicalizar

As surpresas que podem ser evitadas

Para que não enfrente cobranças inesperadas e outras surpresas, quando de internações, o produtor deve estar atento, pois o Plano Paraná ainda é, para alguns, um pouco confuso. Relacionamos abaixo alguns cuidados que o agricultor deve tomar, tendo assim seus direitos respeitados:

● As internações em quartos previstos nos convênios da Previdência com os hospitais têm custos totalmente cobertos. Ninguém é obrigado a pagar diferenças ou comprar medicamentos. A única exceção, no Rio Grande do Sul e alguns outros Estados, são os serviços prestados pelos anestesistas. Estes profissionais se desvincularam do INAMPS, por decisão tomada em conjunto, e cobram em separado. Como eles exigiram melhor remuneração e não foram atendidos pela Previdência, que não pode obrigá-los a trabalhar para o governo, a anestesia vem sendo paga "por fora", como se diz.

● Quem escolher internação em quarto privativo, de primeira classe, deve procurar saber quanto pagará de diferença. No momento da internação, este acerto é feito com o hospital, através da assinatura do chamado termo de ajuste prévio, que funciona como uma espécie de orçamento. Assim, o agricultor ficará informado sobre a complementação a ser paga, considerando, se for o caso, a cobertura do INAMPS e de algum outro convênio, como os mantidos pela Unimed. Há convênios da Unimed que cobrem as despesas com anestesia.

● Com o Plano Paraná, muitas cirurgias que não vinham sendo realizadas poderão agora ser autorizadas pelo INAMPS. Deixam assim de existir restrições a operações que, até o dia 21 de junho, por não serem consideradas prioritárias, não vinham sendo feitas. O produtor deve se informar com o seu médico sobre isso, para que o pedido de realização de cirurgia seja encaminhado ao INAMPS.

● A fiscalização do INAMPS, para cumprimento das normas estabelecidas, é reconhecidamente precária. E isso preocupa os sindicatos, que irão acompanhar de perto a implantação do Plano Paraná. O coordenador da regional da Fetag de Ijuí, Carlos Karlinski, observa que as entidades irão procurar orientar os associados, e por isso é importante que, diante de qualquer dúvida, os sindicatos sejam procurados. A principal preocupação é com a cobrança das diferenças, que acontece inclusive quando de internações em quartos semi-privativos, quando não deveria ocorrer. "Não estamos muito eufóricos com esta mudança, pois se sabe que a situação da Previdência é cada vez mais difícil", observa ele, ressaltando que o produtor somente terá segurança quando a política do setor for reformulada.

Uma ameaça para os hospitais

“Estas mudanças representam uma vitória para os rurais mas, ao mesmo tempo, deverão trazer mais problemas para os hospitais”. Quem diz isto, a respeito da implantação do Plano Paraná para os agricultores, é o presidente do Hospital de Caridade de Ijuí (HCI), o médico Milton Wayhs. Com 250 leitos e 50 médicos, o HCI será, certamente, a casa de saúde da Região Pioneira mais exigida depois das inovações. É o hospital melhor equipado nesta Região, e já começa a ter seu movimento aumentado.

Milton Wayhs lembra que o Plano Paraná permite internações fora dos municípios onde residem os agricultores, e isso fará com que eles procurem os hospitais em melhores condições. Desde o dia 21 de junho, o HCI passou a registrar um maior número de internações, e muitas delas para realização de cirurgias. Essas operações são, aliás, as causas dos maiores prejuízos provocados pelo Plano Paraná, segundo o médico, pois os valores pagos não cobrem as despesas.

SEM REAJUSTE

Wayhs entende que, com o aumento no número de internações e o pagamento de valores inferiores aos necessários, pela Previdência, a situação dos hospitais irá se complicar. Desde fevereiro, quando o Plano foi implantado para segurados urbanos, a tabela não foi corrigida. O único valor reajustado é o que se refere aos gastos com medicamentos, e que vem sendo revisado mensalmente. A tabe-



Milton Wayhs

Douglimar Radaelli

Archflio Gabbi

la das diárias e outras despesas deveria ter sido alterada no dia 1º de julho, mas isso não ocorreu, e a promessa agora é de que talvez isso aconteça em outubro.

O presidente do HCI admite que a cobrança da chamada diferença existe no hospital. Mas somente nas internações em quartos de primeira, quando o paciente é informado de que terá que pagar os valores não cobertos pela Previdência. Essa cobrança já vinha sendo adotada antes mesmo da implantação do Plano Paraná, e acontece também no Hospital Bom Pastor, mantido pela Cotrijuí, em Ijuí. A opção pelo quarto privativo é do segurado, que se dispõe assim a pagar mais para ter maior comodidade.

“O quarto de primeira garante dinheiro em caixa, e se não fosse isso os

hospitais estariam em pior situação”, afirma Douglimar Radaelli, administrador do Bom Pastor, pois o INAMPS paga com até três meses de atraso. A situação desta casa de saúde, em funcionamento desde maio de 81 e com 38 leitos, é meio diferente da dos demais hospitais. “O Bom Pastor — lembra Douglimar — é do associado, do produtor, e não pode se utilizar de recursos usados por outras instituições, como a cobrança de diferenças de forma indiscriminada”.

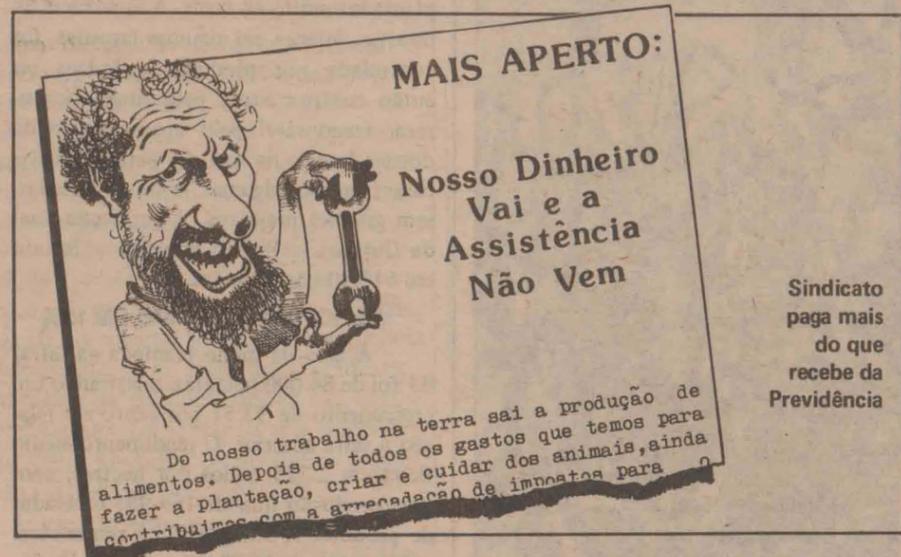
Mais de 60 por cento dos pacientes internados no Bom Pastor são agricultores, e eles, é claro, serão os maiores beneficiados com as mudanças trazidas pelo Plano Paraná. Não deixa de ser curioso que, ao mesmo tempo, o hospital deverá ter prejuízos com isso, em função dos

valores insuficientes e pagos com atraso pela Previdência. Mas o importante — como diz o administrador — é que, de qualquer forma, o hospital estará cumprindo com sua função social.

VAI MELHORAR

Em Pejuçara, o novo sistema não chega a ser encarado com muito pessimismo pelo presidente da Sociedade Casa Beneficente de Saúde Rio Branco, Archflio Gabbi. Ele é também o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, e esteve na reunião do dia 28 de junho em Ijuí, com o chefe de Serviço de Medicina Social do INAMPS, Bruno Wayhs, que supervisiona os serviços prestados à Previdência Social em Ijuí, Augusto Pestana, Catuípe, Ajuricaba e Santo Augusto.

Gabbi assegura que, após a implantação do Plano Paraná, em fevereiro, o hospital passou a receber em média, por mês, em torno de Cr\$ 6 milhões do INAMPS, contra os Cr\$ 2 milhões destinados até então. Ele acha que a novidade facilita a prestação de contas, melhora a manutenção dos hospitais e beneficia o agricultor. Gabbi, que não permite a cobrança de diferenças não previstas, no final de junho conseguiu evitar, através do sindicato, que um produtor pagasse Cr\$ 80 mil a um hospital de Cruz Alta. O valor seria para cobrir despesas com uma parteira, mas o agricultor reclamou, solicitou a interferência do sindicato e ficou livre da “mordida”.



Nos ambulatórios, tudo igual

O atendimento médico em ambulatórios e a assistência em caso de acidente do trabalho, que não exija internação, não são alterados pelo Plano Paraná. Tudo continua como antes, e aí os sindicatos, que mantêm convênios com a Previdência, sofrem tanto quanto os hospitais. Acontece que o atendimento é prestado pelas entidades, que contratam serviços de profissionais e recebem verbas federais que deveriam manter essa assistência. Só que os recursos também aqui são insuficientes.

No último boletim do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, de junho, o assunto é abordado, num artigo com o título “Mais Aperto”. O STR analisa a situação da assistência médica e odontológica, com dados do mês de maio, e apre-

senta um número que diz tudo sobre a insuficiência de verbas: 81,1 por cento das despesas com esse atendimento aos associados são cobertos pelos próprios produtores ou trabalhadores assalariados, através da taxa paga na hora, das mensalidades e da contribuição sindical.

As despesas de maio chegaram a Cr\$ 5 milhões e 124 mil, e a participação da Previdência foi de só 968 mil e 900 cruzeiros (18,9 por cento). O resto, de Cr\$ 4 milhões e 155 mil, foi coberto com dinheiro dos associados. Outro dado interessante: o sindicato pagou ao INAMPS, como encargos sociais, em maio, Cr\$ 1 milhão e 57 mil, ou seja, a contribuição à Previdência foi maior que o total recebido para a manutenção do atendimento.

A qualidade vai piorar

Com a implantação do Plano Paraná, o agricultor poderá contar com um atendimento, especialmente no que se refere às cirurgias, que não existia até o final de junho. Mas qual será a qualidade deste serviço prestado por hospitais e pelos médicos, a partir de agora? O presidente da Seção Planalto Médio da Amrigs — Associação Médica do Rio Grande do Sul, Rogério Machado de Souza, acha que não se deve esperar muito deste atendimento, em função da situação criada pela tabela de preços que fixa valores insuficientes para que os hospitais cubram suas despesas.

Rogério, que coordena as atividades dessa seccional em sete municípios, acha que a queda na qualidade dos serviços hospitalares será inevitável. Ele observa que as doenças atingem cada pessoa de acordo com a resistência, a idade e outros fatores. Assim, cada paciente exige, é claro, um atendimento de acordo com suas condições, pois uma pneumonia, por exemplo, exige maior atenção quando ataca uma pessoa de idade. Mas o Plano Paraná estabelece, com seus critérios, que aparentemente todos os doentes são iguais.

Assim, tanto os hospitais como os médicos passam a enfrentar uma situação bastante estranha, recebendo a mesma remuneração para tratar de pacientes diferentes, mesmo que atingidos pela mesma doença. Esta solução encontrada pela Previdência é favorável ao governo — como ressalta o médico — porque assim é possível fazer uma previsão de gastos, com base em estatísticas.

“A curto prazo — afirma Rogério — a qualidade do atendimento vai se deteriorar, e certamente os beneficiários, os mé-



Rogério Souza: sistema não irá durar muito

dicos, os hospitais e a população em geral exercerão pressões para que esta situação seja alterada”. Ele lembra que esta saída encontrada, através do Plano Paraná, faz mais uma vez com que o atendimento médico e hospitalar seja a “válvula de escape” do sistema previdenciário, que não pode cortar gastos em outras áreas, como o setor de benefícios (pensões, auxílios-doenças, etc).

“A população está insegura”, observa o médico, lembrando que um número cada vez maior de beneficiários recorre aos serviços prestados através de convênios com as Unimed e grupos que exploram esta área. Mas ele ressalta sua contrariedade à cobrança da chamada diferença, quando esta não é prevista, como forma de compensação para médicos e hospitais. O problema não deixará de existir com essa cobrança, que é paga, afinal, por uma minoria.

A soja até que rendeu. O milho e o feijão tiveram quebras

O ano não foi muito bom para as culturas de verão, nem mesmo para a soja, que mais uma vez voltou a repetir os rendimentos obtidos em safras anteriores. A média de rendimento de 1.799 quilos por hectare poderia ter sido superior, se as condições climáticas tivessem corrido favoráveis e o produtor dedicado maior atenção a lavoura através de adubação e correção adequada. A prova de que o ano não foi dos melhores está na quebra da lavoura de feijão, que nesta última safra ficou em 42 por cento em relação a safra anterior. A quebra do milho ficou em 26 por cento e a do sorgo em 19 por cento.

Desde a safra de 78 a soja vem perdendo espaços na lavoura da região. Nesses seis anos deixaram de ser plantados mais de 30 mil hectares com soja. Essa redução na área, segundo o diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, está dentro das previsões iniciais de abrir novos espaços também para outras culturas, como o milho e o feijão, por exemplo. O milho, por sinal, ganhou um espaço maior na safra passada. O crescimento da área na região foi de 13 por cento, embora a estiagem tivesse estragado com qualquer programação, atingindo as lavouras em seu período mais crítico, e causando quebra na produção.

Renato diz que é importante que se mantenha a área de soja nesse nível, já que o interesse dos países compradores de farelo também tem diminuído em decorrência da própria valorização do dólar. Alerta ainda para o fato de que países como a Argentina e até a China, vem aumentando a sua produção de soja. O interesse de países europeus por outras culturas como a colza, o girassol e o amendoim — que também fornecem tortas proteicas de alto valor — tem crescido bastante nos últimos anos. Vários países africanos também têm se interessado em aperfeiçoar o sistema de cultivo do amendoim, tanto no que diz respeito a colheita como armazenamento, com a intenção de fazer concorrência a nível de mercado com os Estados Unidos. "Para sorte dos produtores de soja brasileiros, enfatiza Renato, ainda houve interesse de países compradores pela soja como fornecedora de óleo, isso em função da diminuição das gorduras animais.

Diante desse quadro, o produtor só tem que ficar atento, pois todos esses problemas, podem de uma hora para a outra, colocar a soja numa situação difícil no mercado internacional. Segundo o Renato, um país que atua fundamentalmente no mercado de grãos, como o Brasil, deveria, necessariamente, ter suas estratégias dirigidas para esse mercado. Em outras palavras, isto significa a formação de estoques reguladores e financiamentos capazes de permitir ao produtor aguardar o momento mais oportuno para realizar venda do seu produto. "Somente desta forma pode se manter produtores estimulados, lavando-os a aperfeiçoar os métodos de produção", diz ainda o Renato.

SOJA: NA LIDERANÇA

A soja continua liderando as culturas de verão em termos de ocupação de área — embora a área de plantio venha diminuindo de safra para safra desde 1978. A área plantada ficou em 287.510 hectares, quando a previsão inicial de plantio era de 299.000 hectares. A redução da área em relação a que foi plantada em 1982, foi quase insignificante, ficando em torno de dois por cento.

É bem provável que se não tivesse ocorrido problemas de falta de sementes — principalmente das variedades tardias —, e um atraso no plantio, a área total plantada até fechasse com as previsões iniciais. A disponibilidade de variedades de sementes tardias como a BR-1, Santa Rosa, Vila Rica e Coob, as preferidas pelos produtores da região, foi muito pequena em função da frustração ocorrida na safra 82/83. O estabelecimento das lavouras foi ainda prejudicado pela estiagem que ocorreu bem na época do plantio, quando a precipitação pluviométrica — média da Região Pioneira — ficou em pouco mais de 103 milímetros durante o mês de novembro. No ano anterior, ela fechou em 384,93 milímetros.

Apesar dos problemas de estiagem, a soja teve uma safra normal, com um rendimento médio final de 1.799,6 quilos por hectare, apenas 1,39 por cento abaixo do rendimento obtido na safra anterior. As lavouras com variedades de ciclo precoce e médio, plantadas antes da estiagem de novembro e dezembro, tiveram um rendimento médio entre 1.800 a 1.960 quilos por hectare. As lavouras estabelecidas com variedades precoces, médias e semi-tardias, plantadas fora da época ideal, tiveram um rendimento médio entre 1.300 a 1.700 quilos por hectare, enquanto que as tardias, prejudicadas pela estiagem de dezembro por ocasião do plantio e ainda durante o desenvolvimento, — pela estiagem de fevereiro — apresentaram um rendimento médio em torno de 1.000 a 1.300 quilos por hectare.



A soja teve uma safra normal, com um rendimento final de 1799 quilos hectares



O milho foi a cultura que mais sofreu com a estiagem

De maneira geral o desenvolvimento da lavoura de soja correu normal, a não ser o caso de algumas lavouras de variedades precoces e médias, que tiveram problemas justamente por terem sido plantadas muito tarde. A incidência de lagartas, intensa em algumas lavouras, foi controlada por produtos químicos ou então contra-atacada pelo fungo *Nomuraea*, responsável pelo aparecimento da doença branca na soja. Os percevejos atacaram apenas algumas lavouras isoladas, sem grandes prejuízos. A produção final da Cotrijuí — Região Pioneira — fechou em 517.403,5 toneladas.

MILHO: CRESCIMENTO EM 13%

A área de milho plantada na safra/83 foi de 84.000 hectares, registrando um crescimento de 13,51 por cento em relação a safra anterior. O rendimento médio ficou em 2.225 quilos por hectare, com uma produção final de 186.933 toneladas de produto. A estiagem foi a responsável pela quebra de 26,29 por cento da produção sobre a estimativa inicial, que era de 3.019 quilos por hectare. A ocorrência de doenças e o ataque de pragas não chegaram a afetar a produção.

Demonstrativo do desempenho das principais culturas de produção de grãos — safra 83/84 — Região Pioneira — COTRIJUI

Culturas	Área Plantada — ha		Rendimento médio			Produção total		
	83/84	% em relação a 82/83	Previsto kg/ha	Colhido kg/ha	% em relação a 82/83	Previsto (t)	Colhido (t)	% em relação 82/83
Soja	287.510	- 2,04	1.730	1.799,6	- 1,39	497.141	517.403,5	- 3,40
Milho	84.000	+ 13,51	3.019	2.225	- 12,78	253.600	186.933	- 0,98
Arroz	1.700	+ 7,59	2.329	2.081	- 17,44	3.960	3.538	+ 26,40
Feijão	2.556	- 21,83	865	544,3	+ 15,81	2.210,6	1.391,4	- 9,53
Sorgo	580	+ 1.060	2.534	2.036	- 24,59	1.470	1.180,9	+ 774,74
Milheto	922	+ 241,48	820	750,7	+ 50,14	756,2	692,2	+ 412,74
TOTAL	377.268	+ 1,23	-	-	-	759.137,8	711.139,0	- 2,45

Fonte: Boletins Informativos Semanais Safras

Mato Grosso Arroz: quebra de 31%

O milho foi a cultura que mais sofreu com a estiagem ocorrida no final do ano, período em que aproximadamente 55 por cento das lavouras encontravam-se em fase de floração. É justamente neste período que as plantas mais necessitam de água no solo. O ataque de pragas foi pequenos. As lavouras de Tenente Portela foram as mais atingidas pela doença conhecida como "carvão", que atinge o pendão e as espigas da planta.

ARROZ: CONSUMO FAMILIAR

Cerca de 1.700 hectares foram destinados, na Região Pioneira, para a cultura do arroz, que fechou a safra com um rendimento médio de 2.081 quilos por hectare, e uma quebra de 10,6 por cento sobre a estimativa inicial de colheita. Com relação ao rendimento obtido na safra passada houve um crescimento na ordem de 17,44 por cento.

O arroz tem ocupado geralmente áreas próximas a cursos de rios ou então, parte mais úmidas da propriedade. A produção praticamente é destinada a todo o consumo familiar. As lavouras de arroz tiveram um desenvolvimento muito bom até a fase de floração, quando então, também foram atingidas pela estiagem.

FEIJÃO: PERDEU ESPAÇOS

O feijão também perdeu espaços na lavoura em relação a safra passada, apresentando um crescimento negativo na área de plantio de 21,83 por cento. A área plantada totalizou 2.556 hectares, entre a safra normal e a "safrinha". A área plantada ficou em 1.620 hectares, com um rendimento médio de 575 quilos por hectare, representando uma quebra de 34,14 por cento sobre a estimativa inicial de produção. Mesmo assim, o rendimento aumentou em 15,81 por cento em relação ao obtido na safra anterior.

As lavouras da "safrinha", num total de 936 hectares, foram prejudicadas na época do estabelecimento pelas condições climáticas adversas a cultura e pela pouca disponibilidade de sementes. O rendimento médio da "safrinha" foi de 491 quilos por hectare, apresentando uma produção de 459,4 toneladas. A quebra na produção foi de 42,30 por cento.

SORGO E MILHETO

A área de sorgo atingiu 580 hectares, ficando 1.060 por cento acima da área plantada na safra de 82. O rendimento médio fechou em 2.036 quilos por hectare. Em torno de 400 hectares foram lavouras estabelecidas em Santo Augusto. A maioria das lavouras ocuparam áreas cultivadas com o milho anteriormente. Também o sorgo foi atingido pela estiagem bem na ocasião da formação de grãos.

O milheto também se comportou relativamente bem, apesar de ter enfrentado muita chuva no final do ciclo, com as sementes germinando no pé. A área de plantio totalizou 5.888 hectares, sendo que destes, 4.966 hectares foram utilizados para pastejo e 922 para a produção de sementes. O rendimento médio obtido na safra foi de 750,7 quilos, com uma quebra de 8,45 por cento sobre a estimativa inicial.

A tendência da lavoura de soja na área de ação da Cotrijuí, no Mato Grosso, é de estabilizar. Numa olhada nos números, pode-se observar que o crescimento da área de soja da última safra, se comparada com a safra de 83 foi de 10,35 por cento. Isto significa que os produtores matogrossenses plantaram em 83, 756.120 mil hectares, contra os 685.235 mil hectares plantados em 82 (como mostra a tabela abaixo). O rendimento da última safra sofreu uma quebra em torno de 15 por cento, caindo dos 2.067 quilos por hectare colhido na safra 82/83 para 1.765 quilos na última safra.

A quebra no rendimento tem como causas a ocorrência de seca durante a floração e granação, retardamento do plantio, sementes de baixa qualidade, falta de correção no solo e menor uso de adubo de manutenção. Os prejuízos sofridos pelos produtores, foram maiores ou menores, dependendo da extensão da seca na região de cultivo. Dois exemplos a serem citados são os casos das lavouras localizadas na região de Bonito e Ponta Porã. Como em Bonito o clima exige o plantio de variedades mais tardias, a seca não chegou a prejudicar a lavoura e os produtores da região colheram uma das melhores safras dos últimos tempos. Já na região de Ponta Porã, aconteceu o inverso, e os prejuízos foram consideráveis, estimando-se uma quebra em torno de 40 por cento.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DE ÁREA E RENDIMENTO - SOJA - MILHO - SORGO - ARROZ - SAFRA 81 À 82 - REGIÃO COTRIJUI/MS

PRODUTOS	1980/1981		1981/1982		Variação %		1982/1983		Variação %		1983/1984		Variação %	
	Área/ha	Rend. Kg/ha	Área/ha	Rend. Kg/ha	Área	Rend.	Área/ha	Rend. Kg/ha	Área	Rend.	Área/ha	Rend. Kg/ha	Área	Rend.
Soja	561.657	1.746	602.413	1.823	7	4	685.235	2.067	14	13	756.120	1.765	10	(15)
Milho	41.164	1.851	41.575	2.008	1	9	37.546	2.579	(9)	29	37.745	2.372	0,5	(8)
Sorgo	1.020	1.313	1.985	1.452	95	11	2.105	1.980	7	39	3.950	2.360	88	20
Arroz	176.257	1.270	127.804	1.159	(27)	(9)	118.943	1.998	(7)	73	191.730	1.373	62	(31)

Fonte: IBGE

Observa-se uma redução de 15 por cento do rendimento na safra de 84 em relação à safra de 1983.

Dom Pedrito O clima correu favorável

A produtividade média de 4.500 quilos por hectare alcançada na última safra de arroz pelos produtores de Dom Pedrito, teve como fator determinante o clima que correu favorável a cultura durante todo o desenvolvimento da lavoura. No período de perfilhamento, as lavouras sofreram um pequeno ataque de pragas, que não chegou a comprometer a produção final. A cultivar de maior rendimento na última safra foi a BR-IRGA 410. Em seguida aparecem a BR-IRGA 409, a Bluebelle, Bico Torto e EEA-406. A área com arroz na última safra atingiu 25 mil hectares.

A lavoura de soja da região de Dom Pedrito não teve a mesma sorte da lavoura de arroz. Ataques intensos de percevejos prejudicaram o rendimento da cultura, que poderia ter sido bem melhor do que os 1.500 quilos de soja por hectare alcan-

çados. A própria produção de sementes de soja chegou a ser afetada em função da umidade e da quantidade de grãos danificado pelos percevejos: O excesso de chuvas alterou o aspecto da lavoura já no final do ciclo. A área de soja atingiu 22 mil hectares e as variedades preferenciais dos produtores de Dom Pedrito na última safra foram Bragg, BR-1, BR-4, Coob, União, Ivorá, Prata, IAS-5 e IAS-4.

O sorgo teve problemas apenas na época da colheita, quando o excesso de chuvas prejudicou um pouco a cultura e os grãos, em função da umidade, começaram a germinar nas pânículas. Um ataque de lagartas e pulgões na fase inicial do ciclo não chegou a assustar os produtores. A área plantada atingiu 3.500 hectares, com uma produtividade média em torno



A lavoura de arroz no MS cresceu em 30 por cento

MAIOR INVESTIMENTO NA CULTURA DO MILHO

O crescimento da área de milho no Mato Grosso, área de ação da Cotrijuí foi praticamente insignificante, passando dos 37.546 mil hectares plantados na safra 82/83 para 37.745 mil cultivados em 83/84. Na safra passada, justamente por falta de semente de soja, os produtores se viram obrigados a ocupar suas terras com milho, surgindo grandes áreas e um maior investimento na cultura. A quebra no rendimento também foi insignificante, com os produtores colhendo em torno de 2.360 quilos por hectare contra os 2.579 colhidos em 82/83. A quebra ficou em

torno de 8 por cento, resultado da falta de adubação de cobertura, já que o milho é exigente em Nitrogênio.

Ainda foi o problema de estiagem a responsável pela grande perda ocorrida nas lavouras do tarde de arroz. As lavouras de ciclo médio e tardio, tiveram um desenvolvimento normal. A quebra registrada na última safra ficou em 31 por cento. A lavoura cresceu em torno de 60 por cento, passando de 118.943 mil hectares plantados em 82/83 para 191.730 mil hectares em 83/84. O rendimento caiu de 1.998 quilos por hectare para 1.373 mil quilos.



As chuvas atrapalharam a colheita do sorgo

de 3 mil quilos por hectare. Agroceres 1.011, Pioneer 8.311, Jade Asgrow, Pioneer B-815 foram as cultivares preferenciais dos produtores da região e que têm apresentado melhor comportamento na lavoura.

O custo da lavoura de verão

Caso o produtor não receba um preço de Cr\$ 58.937,24 pelo saco de soja na próxima safra, seguramente não conseguirá cobrir todos os custos de produção e ainda assegurar uma margem de lucratividade de 30 por cento, conforme lhe garante o Estatuto da Terra. Este foi o valor a que chegou o Luís Juliani, tecnólogo em administração rural, ligado ao Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, ao elaborar um estudo sobre os custos de produção da lavoura de soja e de milho para a safra 84/85. De acordo com os cálculos, um produtor vai necessitar, na época de formação da lavoura de soja, de Cr\$ 1.397.306,00 apenas para plantar um hectare de soja. Isso representa um acréscimo de 322,63 por cento em relação ao custo levantado na mesma época no ano passado, que era de Cr\$ 242.446,00. O custo de produção de apenas um saco de soja fica em Cr\$ 46.576,88.

O estudo do Juliani calculou ainda o preço necessário para a próxima lavoura de milho e também os Valores Básicos de Custeio necessários para que o produtor

tenha condições de formar suas lavouras na safra de verão. Os valores foram calculados levando em conta uma produtividade média de 30 sacos de soja por hectare e 55 sacos de milho por hectare. Como o custo de produção por saco colhido está diretamente relacionado com a produtividade, quanto maior for este rendimento, menor será o custo de produção. De maneira geral, uma produtividade menor só irá aumentar o custo de produção.

VBC PARA A SOJA: Cr\$ 522.000,00

Para a lavoura de soja será necessário um VBC de Cr\$ 522.636,98 por hectare, para cobrir as despesas consideradas efetivas, tais como gastos com sementes, fertilizantes, combustíveis, lubrificantes, filtros, peças, reparos e mão-de-obra. A estimativa de custeio para o milho, que até a época de formação, segundo os cálculos feitos pelo Juliani terá um custo de produção em torno de Cr\$ 1.398.164,80 (312 por cento mais caro que no ano passado), deverá ficar em Cr\$ 370.709,15. O preço do produto, estimado para maio/85, deverá girar em torno de Cr\$ 32.286,16 o saco, "para que efetivamente

remunere o produtor", como lembra o tecnólogo. Em comparação com os VBCs liberados pelo Governo na safra passada, os custeios calculados pelo Juliani representam um acréscimo de 890 por cento para a soja e 377 por cento para o milho.

Na elaboração dos custos foram considerados dois itens: o dos custos variáveis e dos custos fixos. Como custos variáveis, o Juliani contou os gastos com máquinas e equipamentos (conservação, reparos, combustíveis, lubrificantes e filtros); construção; insumos (sementes, fertilizantes e defensivos); transportes, Funeral; despesas financeiras e Proagro. Do item custos fixos fazem parte os gastos com depreciação e seguro das máquinas e equipamentos; depreciação de construções; Imposto Territorial Rural; mão-de-obra, remuneração da terra (considerado o valor médio pago pelo arrendamento na região); o custo de alternativa; avaliação de capital e melhoramento do solo (terraçamento e correção).

O PESO DAS DESPESAS FINANCEIRAS

No custo total de formação da la-

voura de soja, as despesas financeiras representam 39,88 por cento, isso, considerando 100 por cento de correção monetária mais 3 por cento de juro ao ano, para um montante financiado de 60 por cento. O restante, 40 por cento, tem uma correção monetária de 100 por cento ao ano e mais 8 por cento de juro. Em segundo lugar, aparecem os insumos, com 17,33 por cento.

Os custos variáveis participam com 71,58 por cento do custo total. Ainda dentro do item custos variáveis, as despesas financeiras representam 55,73 por cento dos gastos. Os custos fixos representam 28,48 por cento, sendo o item de maior peso a remuneração da terra, representando 11,40 por cento.

As despesas financeiras representam dentro dos custos totais de formação da lavoura de milho, 42,73 por cento. O item custos variáveis representam 74,85 por cento, com as despesas financeiras, somando sozinhas, 55,07 por cento. Os custos fixos representam 25,15 por cento no cômputo geral.

Preocupação com o solo

A quebra na lavoura de soja do seu Miguel Zavaski Filho ficou em torno de 40 por cento. Os prejuízos foram maiores ainda, porque o seu Miguel foi obrigado a refazer o plantio de sua lavoura três vezes, que a estiagem não deixava a semente germinar direito. Plantou as variedades Bragg, IAS-4, Santa Rosa e Pratinha numa área que totalizou 65 hectares localizada na Linha 11 Oeste, em Ijuí.

Depois da seca a lavoura até que se recuperou um pouco e teve um desenvolvimento razoável, mas mesmo assim, o seu Miguel tirou pouco mais de 2.100 sacos dessa área onde estava acostumado a tirar por volta de 3.000 sacos. Diz o seu Miguel:

— A soja que plantei bem no cedo me rendeu até 50 sacos por hectare. As outras variedades que eram mais do cedo, mas que a estiagem me obrigou a plantar mais no tarde, renderam alguma coisa em torno de 15 sacos por hectare. Não foi um ano muito bom para as lavouras, tanto de soja como de milho. A seca judiou demais das plantas.

CORREÇÃO FAZ FALTA

Mesmo que a seca tenha judiado bastante da planta, o seu Miguel acredita que a falta de correção no solo em alguns pedaços da lavoura, também contribuiu para o baixo rendimento das variedades que foram plantadas fora de época. Não que o seu Miguel ande descuidando do solo. Até pelo contrário. Ele se diz bastante cuidadoso e todos os anos corrige um pedaço. "Não se pode fazer a correção em toda a área de uma só vez que os custos ficam altos demais," diz ele contando que este ano



Miguel Zavaski: plantou três vezes

começou pagando Cr\$ 300 mil por uma carga de calcário e estava terminando o serviço pagando Cr\$ 400 mil. Um solo bem corrigido e adubado corretamente contribui para o aumento da produção e até torna a planta mais resistente em época de clima adverso.

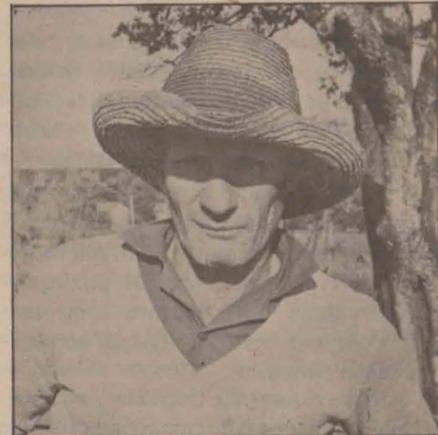
— De nada adianta colocar 10 quilos por hectare de calcário no solo e depois passar 10 anos sem fazer mais nada. Tenho corrigido aos poucos. Sempre tomo o cuidado de observar o desenvolvimento da planta. Caso note que ela não está pegando porte e nem vai apresentar um rendimento final satisfatório, trato de corrigir aquela área assim que termino a colheita.

A seca atrapalhou

Pouco mais de 200 sacos, foi o que rendeu a lavoura de três hectares, na localidade de Santa Lúcia, em Ijuí, e de propriedade do seu Ângelo Vieira. A previsão inicial de colheita era de 400 sacos. "Colhi só a metade", lamenta o seu Ângelo, ao falar da quebra na produção que ficou em torno de 50 por cento.

A seca de novembro/dezembro pegou a lavoura de milho do seu Ângelo bem na fase de desenvolvimento impedindo até que ele pudesse aplicar uréia em cobertura. Quando vieram as chuvas, muitos pés já haviam morrido e os que resistiram, começavam a pender. "A lavoura ficou rala e até hoje não sei porque não passei a grade e não plantei outra coisa no lugar", diz.

Apesar dos prejuízos deste ano, seu Ângelo reconhece que em outras safras tem se saído muito bem com o milho e credita todo o sucesso a rotação de culturas que costuma fazer como uma prática que busca a melhoria do solo e o bom de-



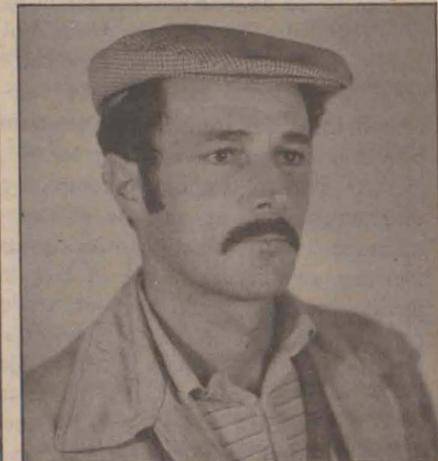
Ângelo Vieira: colheu a metade

sempenho da cultura. Não costuma plantar milho em cima de terra que um ano atrás tenha sido ocupada pela soja ou o feijão. Prefere plantar em cima do tremoço. O milho, nestes casos, segundo ele, se desenvolve melhor e não sofre tanto o ataque de doenças. Na próxima safra quer plantar milho direto em cima de trevos.

Rendeu 262 sacos

Luiz Salvador Forsin, plantador de arroz da localidade de Ponche Verde, em Dom Pedrito, fez uma das melhores safras de verão nos seus nove anos de lida na agricultura. Forsin trabalha em sociedade com mais seis irmãos, também dedicando-se a criação de gado, com preferência para a raça Charolês. De Rosário do Sul onde plantavam soja, os Forsin se transferiram para Dom Pedrito, onde chegaram com muita coragem e vontade de trabalhar.

Das primeiras 15 quadras de arroz, os Forsin aumentaram para 160 quadras, das quais, na última safra tiraram 42 mil sacos, com uma média de 262 sacos por hectare, contra os 170 colhidos na safra anterior.



Luiz Forsin: melhor safra

POUPANCA

OPEN/OVER

CDB/RDB

LEASING

DEBÊNTURES

ACÇÕES

SEGUROS

LETRAS IMOBILIÁRIAS

**Tudo
que é bom
negócio
para você,
Habrasul
tem.**

Nada mais certo que procurar o lugar certo para fazer bons negócios.

Por isso é que o Habitasul está sempre à disposição de pessoas que procuram uma solução adequada para aplicação de seus recursos.

Aqui você recebe a mais completa assessoria, em produtos ou serviços financeiros, de uma equipe de hábeis profissionais e um sistema de computação de alta tecnologia.

Sempre que você quiser fazer sólidas aplicações financeiras, procure quem entende as pessoas e conhece os negócios do Grande Sul como ninguém.

Procure o Habitasul. Tudo que é bom negócio para você, Habitasul tem.

Informe-se com o seu gerente Habitasul.



Empresas Financeiras do Grupo Habitasul:
Banco Habitasul S.A. • Habitasul Crédito Imobiliário S.A. • Habitasul Leasing S.A. - Arrendamento Mercantil • Habitasul Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.
• Habitasul Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. • Fundo Habitasul de Investimentos • Habitasul Corretora de Seguros S.A. • Habitasul Representações Ltda.
• Habitasul Previdência.

marca

Também na região da pecuária as novas propostas da Cotrijuí vão sendo aos poucos assimiladas

Mais debate. E a campanha ouve e opina

O debate em torno das grandes questões atualmente em pauta na Cotrijuí também chegou a Dom Pedrito, onde a Regional promoveu de 21 a 23 de junho um seminário interno de funcionários. E mais uma vez, como já havia acontecido no Mato Grosso do Sul, o encontro teve a participação, em programa paralelo, de representantes dos associados e ainda de lideranças do município. Nos três dias, se discutiu um pouco de cada coisa, com destaque para o tema que mais tem chamado a atenção, tanto de associados como de funcionários, que é o desmembramento das regionais.

O seminário teve, em seu primeiro dia, palestras dos dirigentes da Cotrijuí, pela manhã, e trabalhos em grupo à tarde, com mais de 500 funcionários lotando o salão do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. No segundo dia, representantes dos associados e lideranças da cidade visitaram a Cotrijuí, e no encerramento, no dia 23, houve então a apresentação das conclusões dos grupos. No mesmo encontro foram eleitos os representantes do quadro funcional, que atuarão como porta-voz de cada setor junto às chefias e direção.

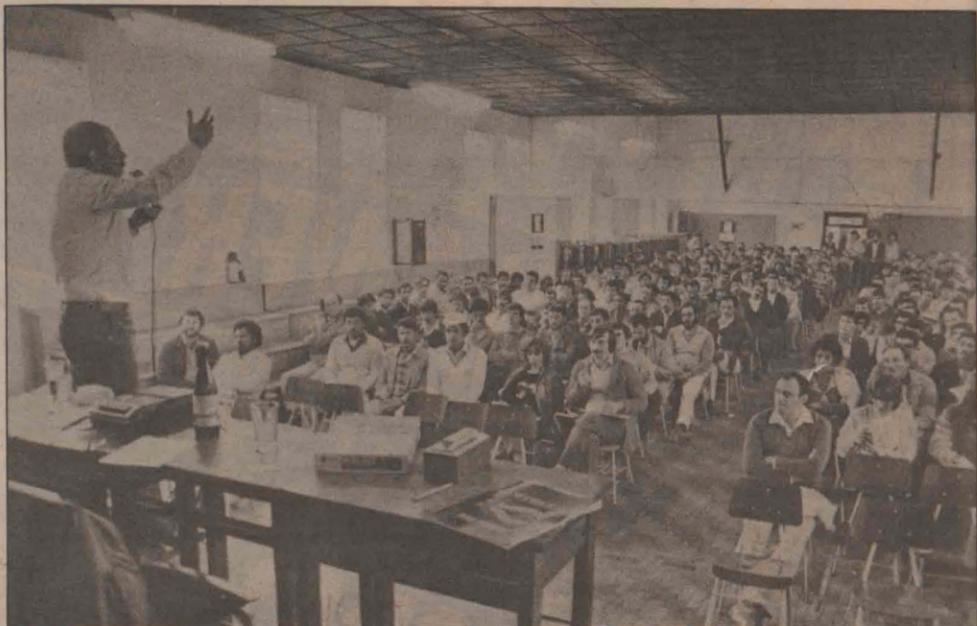
Na abertura do seminário, o diretor Regional, Tânio Bandeira, fez uma avaliação do desempenho da Cotrijuí no município a partir de 1977, quando aconteceu a incorporação da Cooperativa Pedritense (veja na página ao lado). Logo depois, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva apresentou um relato, resumindo cada

etapa da história da Cotrijuí, desde seu surgimento, na Região Pioneira, passando pela fase de expansão, com a anexação de novas áreas, e chegando ao atual momento, quando se discute a viabilidade do desmembramento e se propõe uma auto-análise da postura da Cooperativa.

COMPETIÇÃO

“Temos que redefinir nossos procedimentos, para que todos, e não só os que eventualmente decidem, como dirigentes, possam reavaliar tudo o que vem ocorrendo”, disse ele. A proposta do desmembramento — ressaltou Ruben — deve ser vista assim dentro de um contexto, de um conjunto de fatores não apenas locais ou regionais. Ele lembrou que é preciso entender os reflexos de problemas mundiais, dentro da economia, para que seja possível avaliar as transformações ocorridas na Cotrijuí, especialmente a partir da modernização da agricultura, iniciada nos anos 50.

Nessa situação foi que a Cooperativa se viu, entre outras coisas, obrigada a crescer, para poder competir. “Mas os nossos competidores passaram aos poucos a ser outros, e se tornaram inclusive invisíveis para os que continuavam a ver a concorrência apenas nos atravessadores locais”, disse Ruben. Hoje, segundo ele, a realidade é outra, e diante desta constatação é que surge e vai amadurecendo a alternativa representada pelo desmembramento.



Mais de 500 dos 700 funcionários de Dom Pedrito participaram do seminário

INTEGRAÇÃO

A criação de cooperativas singulares, em cada uma das Regionais (Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul), não seria um retorno ao passado de mais de 20 anos atrás. Seria — disse o presidente — uma adequação à situação do momento, que exige maior autonomia administrativa de cada uma destas áreas. “Precisamos transferir o poder político para as regionais, fortalecendo assim as decisões que surgem de baixo para cima, do associado, de cada uma das unidades”. E a integração das singulares se daria através de uma Central de prestação de serviços.

“Esta é, no entendimento do Conselho de Administração, a melhor opção para que a Cotrijuí cumpra com sua função econômica e social”, afirmou Ruben, ressaltando que, de qualquer forma, a decisão caberá ao associado. No encontro com os representantes e lideranças do município, no dia seguinte, ele repetiu o que havia dito aos funcionários, respondeu a indagações e salientou que o desmembramento “é uma proposta de choque”. Por isso, a direção já esperava que as reações fossem, como em alguns casos, até mesmo de certo espanto.

PLEBISCITO

Também no dia de abertura, o diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto, falou aos funcionários, abordando o plebiscito sobre a Estrutura do Poder. A data desta

consulta já está definida: no dia 12 de agosto, os associados poderão dizer se esta experiência existente desde 1979 deve ou não continuar. Rui ressaltou que o plebiscito não decidirá apenas pela manutenção ou não da figura do representante, pois a Estrutura do Poder é bem mais abrangente.

Ela trata da participação do associado nas assembleias, nas eleições, enfim, nas decisões da Cooperativa. Rui observou que os funcionários estão sendo informados a respeito deste e de outros assuntos, porque numa cooperativa o quadro funcional não pode estar alheio ao que, numa avaliação apressada, pareça interessar apenas ao associado. Ele também repetiu que a Estrutura do Poder, caso venha a ser incorporada aos estatutos, será decisiva para que se amplie a participação dos núcleos, das bases, na vida da Cooperativa.

O seminário de Dom Pedrito foi realizado por iniciativa da Regional, com organização de Elaine Bruzza, do Departamento de Comunicação e Educação, e o apoio de José Carlos Bandeira, do Departamento de Pessoal de Ijuí. O encontro serviu para uma avaliação não só dos temas mais políticos — como desmembramento, plebiscito e eleições dos conselhos de Administração e Fiscal, em março de 85 — como também de assuntos de interesse do quadro de pessoal para melhor funcionamento de cada uma das áreas de atividade da Regional.

Desmembramento no centro das atenções

O que poderá acontecer após o desmembramento das regionais da Cotrijuí? Esta foi, em resumo, a principal preocupação manifestada durante o seminário de Dom Pedrito. Mesmo assim, tanto os representantes, como as lideranças da cidade e os próprios funcionários, demonstraram ter assimilado a idéia. Da parte do quadro funcional, houve, aliás, uma clara manifestação em favor do desmembramento, pois de um total de 16 opiniões, apresentadas pelos grupos de trabalho, 10 foram pela execução da medida.

Quatro grupos manifestaram posição contrária, um se mostrou indeciso e o outro preferiu não opinar, transferindo a atribuição à direção, associados e representantes dos associados. Tanto durante o seminário interno, como nos debates com representantes e lideranças convidadas a visitar a Regional (dirigentes de sindicatos, associações, escolas e órgãos públicos), ficou evidente que o desmembramento centraliza as atenções. Abaixo, uma síntese dos principais comentários ouvidos nos três dias do encontro:

● O desmembramento pode ser a melhor saída imediata, mas põe em risco

a unidade da Cotrijuí. Alguns observaram que a separação das Regionais pode dificultar a obtenção de recursos junto aos órgãos oficiais. Posições como esta foram também contestadas pelos que entendem que Dom Pedrito já pode ter autonomia.

● Os funcionários temem que, com o desmembramento, sejam definidas novas prioridades e isso repercuta no quadro de pessoal. A insegurança, neste caso, é típica das grandes mudanças que podem acontecer, e só a prática poderá oferecer uma resposta, como observou Ruben Ilgenfritz da Silva, que analisou esta indagação dos funcionários.

● A Cotrijuí cresceu em função também da anexação de novas áreas, da chamada expansão horizontal. Por que, agora, se propõe o desmembramento, que pode terminar fracionando a organização? Outra pergunta, feita no encontro com as lideranças da cidade: este não seria o momento de se unir mais ainda, para enfrentar as dificuldades do momento? A resposta do presidente: o desmembramento não irá, necessariamente, significar uma separação, uma quebra de unidade, especialmente se for concretizada



No encontro com lideranças do município, quase duas horas de debates a criação da Central.

● Se uma das Regionais não aderir ao desmembramento, mas, mesmo assim, por decisão da maioria, isso ocorrer, como ficará o projeto de criação da Central? A Central poderá, de qualquer forma, ser

criada, desde que conte com no mínimo três cooperativas singulares. O ideal seria sua formação com a proposta original de integração das três Regionais, mas outra singular que integre o sistema cooperativista pode também dela participar.

Mais tempo para pensar

Representantes querem examinar melhor a proposta de desmembramento

Em Campo Grande, o debate que permite uma avaliação da postura da Cotrijuí evoluiu mais ainda, com um segundo seminário realizado de 4 a 6 de julho, desta vez dirigido especialmente aos representantes do Mato Grosso do Sul. Em maio, outro seminário havia aberto essa discussão, entre gerentes e chefes de setor, quando muitas propostas foram levantadas. No último encontro, 26 representantes e mais os conselheiros do MS reforçaram muitas das posições do quadro funcional, revelando unidade de pensamento em questões importantes.

O seminário contou com a participação de dirigentes da Cotrijuí e, é claro, teve o desmembramento como um dos temas mais discutidos. O entusiasmo para discutir essa proposta foi

motivado pela apresentação dos primeiros dados a respeito da situação de cada Regional. Os números haviam sido solicitados pelos representantes, durante o primeiro encontro, em maio, e dão uma idéia geral do patrimônio das regionais, compromissos assumidos e outras informações.

SEM PRESSA

Esse perfil das regionais será mostrado também às lideranças da Pioneira, em seminário com data ainda não definida. A princípio, os representantes do Mato Grosso do Sul preferem aguardar mais um pouco, para somente depois emitir uma opinião mais segura a respeito da proposta de desmembramento. Esta posição fará com que o debate se prolongue, para que também os associados em geral, e não só as lideranças, assimilem

melhor a idéia.

Esses números serão tornados públicos num momento oportuno, mesmo porque sua divulgação deve acontecer após a avaliação do que significam por parte de quem vai decidir, ou seja, o quadro social. E essa avaliação, que faz parte também do debate em torno da proposta, acontecerá sem pressa, com o acompanhamento do pessoal encarregado da tabulação e da interpretação técnica dos dados. Em Campo Grande, a apresentação do levantamento foi feita pelo diretor administrativo e financeiro, Oswaldo Meotti, que contou com a assessoria do staff.

O seminário teve como palestrantes o presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva; vice Arnaldo Drews; e mais Oswaldo Meotti; o diretor adjunto Renato Borges

de Medeiros, da área Agrotécnica da Pioneira; o gerente de Recursos Humanos do MS, Olavo Fritzen; e o sociólogo Walter Frantz, que presta assessoria ao Departamento de Comunicação, através de convênio com a Fidene, de Ijuí. Eles falaram sobre o sentido da cooperação, a conservação do solo e a produtividade, investimentos em recursos humanos e a conjuntura econômico-financeira e suas repercussões no cooperativismo.

CONCLUSÕES

Em trabalhos de grupo, os representantes analisaram cada um destes temas e apresentaram suas conclusões. Eles entendem, por exemplo, que deve existir uma maior integração entre associado e funcionário; que a Cooperativa precisa investir na pecuária, se possível com um frigo-

rífico; e defenderam maior atenção à área técnica, para que a proposta da diversificação se concretize; reforço no setor de Comunicação e Educação, com maior propagação do cooperativismo; e valorização, no quadro de pessoal, do elemento com vocação cooperativista.

Os representantes também voltaram a demonstrar preocupação com a quase certa redução na produção de grãos, em função da retirada dos subsídios ao crédito para a agricultura. E mais uma vez apontaram a saída para que o produtor possa contribuir para uma mudança nessa situação: o fortalecimento das cooperativas e entidades do setor, para que, com representatividade, sejam adotadas medidas de pressão junto aos órgãos que detêm o poder de decisão.

Comercialização Soja em baixa

O mercado da soja em Chicago tem sofrido pesadas baixas nas últimas semanas. A queda, segundo o Ênio Weber, coordenador da área de comercialização da Cotrijuí, se deve às ótimas condições climáticas que vêm ocorrendo nos Estados Unidos, e ainda pela valorização do dólar, que de acordo com as estimativas dos operadores da Bolsa, deverá continuar em alta. É possível que a alta determine um desinteresse dos compradores por produtos cotados em dólar.

Devido a demanda cada vez mais baixa, os estoques aumentaram e o número foi de 4,56 milhões de bushels, enquanto se esperava em torno de 4,40 milhões de bushels. (Um bushel corresponde a 27,2 quilos).

O farelo também vem sofrendo uma situação difícil, em razão da competição cerrada de outros subprodutos disponíveis ao fabricante europeu, como Pellets de polpa cítrica, farelo de glúten de milho, e até mesmo ervilhas e leite em pó. Todos estes produtos estão sendo ofertados por valores menores que o do farelo de soja.

MILHO

Durante o período de comercialização da safra de milho 83/84 aconteceram pequenas oscilações a nível de preços ao produtor, contrariando assim as previsões iniciais, que anunciavam um mercado mais forte para os meses de maio, junho, julho e agosto. Pode-se responsabilizar pela situação a suinocultura e a avicultura, os grandes consumidores de milho, enfrentando sérios problemas com o consumo interno. Estes problemas com o mercado de carnes estão se refletindo na produção destes animais. Segundo dados da APINCO (Associação Nacional de Produtores de Pinto de Corte) a produção de aves no mês de abril deste ano chegou a 71.648 milhões de cabeças, contra 98.385 milhões no mês de janeiro de 83. A redução, nestes 15 meses, foi na ordem de 27,2 por cento. O milho participa em 70 por cento na formulação da ração para aves. Como pode se perceber, não é nada alentador o mercado do milho a curto espaço de tempo.

PROGRAMA DE SAFRA DUPLA PARA O AGRICULTOR.



**NA POUPANÇA SULBRASILEIRO,
VOCÊ PLANTA UMA VEZ E COLHE DUAS.**

Aplique o lucro de sua colheita na Poupança Sulbrasileiro. O lucro de sua safra, rendendo juros e correção monetária, com isenção de IR até 3500 UPC's e dupla garantia: a do Governo Federal e a do Sistema Financeiro Sulbrasileiro.

**POUPANÇA
Sulbrasileiro**
A CAMPEÃ.

Renda Mensal - Liquidez Imediata.

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia,

inclusive sábados, domingos e feriados.

Preço bom e mercado seguro

O preço do ovo aumentou em 280 por cento em apenas um ano

A escassez do milho em razão da frustração ocorrida na safra 82/83, somada ao excesso de produção de ovos no mercado, levou a avicultura brasileira a enfrentar uma crise que se prolongou até final do ano passado. Proprietários de aviários de pequeno e médio portes, pressionados entre os preços aviltantes das rações concentradas, a desvalorização do produto e ainda tendo de suportar altas taxas de juros pelo uso de financiamentos aplicados na atividade, não tiveram outra saída, a não ser a de abater as aves, fechar as portas dos aviários e abandonar a atividade. Só na área de ação da Cotrijuí — Região Pioneira — calcula-se que em torno de 40 por cento dos aviários existentes tenham fechado durante o ano passado porque a criação de aves para postura estava se tornando um negócio deficitário.

A crise envolveu não só o setor de produção de ovos, mas também os produtores de matrizes, responsáveis pela criação de novas aves. Descapitalizados e enfrentando dificuldades financeiras em consequência do alto custo de manutenção do aviário, e não vendo nenhuma perspectiva de melhoria na situação, pelo menos a curto prazo, os produtores de matrizes também começaram a cair fora da atividade, gerando um outro problema: a falta de aves de reposição. Em função desse novo fator, houve uma elevação muito grande nos preços das aves de reposição, e as consequências só não foram piores para quem ainda ficou na atividade, porque o preço do ovo também dobrou em 280 por cento em pouco mais de um ano.

CUSTO DOBRADO

O preço de um lote de frangas de 90 dias chegou a tal ponto, segundo os cálculos realizados pelo Nelci Pedro Baroni, coordenador da

área de Hortigranjeiros da Cotrijuí, que sai muito mais em conta a aquisição de pintos de poucos dias de vida. Um produtor que quiser adquirir um lote de duas mil frangas, pelos preços atuais, terá de desembolsar por volta de Cr\$ 5 milhões. Até iniciar o período de postura, essas frangas vão apresentar um custo (de alimentação), e sem retorno algum, de pouco mais de Cr\$ 3 milhões, totalizando um custo final de mais de Cr\$ 11 milhões. "Por esse custo, um avicultor descapitalizado ou com o aviário desativado, não tem como renovar o seu plantel e muito menos de retornar a atividade", lembra o Baroni, embora admita que a avicultura esteja atravessando um de seus melhores momentos.

Se o avicultor optar por pintos de poucos dias em vez de frangas, terá uma despesa de aquisição, que de acordo com os cálculos do Baroni, não deverá ultrapassar a soma de Cr\$ 1.400.000,00. Até atingir os 90 dias, as despesas com alimentação serão pequenas. "Só na aquisição dos pintos, o avicultor já está tirando qualquer diferença com despesas de alimentação", reforça.

REVIRAVOLTA

A redução de oferta do ovo no mercado gerou uma verdadeira reviravolta



Nelci Baroni: produção insuficiente

na situação e quem fechou seu aviário, está deixando de ganhar dinheiro, mesmo tendo de enfrentar o alto custo das aves de reposição. O milho também tem contribuído, na medida em que se mantém com preços estáveis, sem influir nos custos de produção.

O preço de uma caixa de ovo — 30 dúzias — teve um reajuste de julho/83 a julho/84, na ordem de 288 por cento. Até março do ano passado, (Ver gráfico abaixo) uma caixa de ovos não valia mais do que Cr\$ 5 mil. Em julho, ela passou a valer Cr\$ 8.500 mil; em novembro Cr\$ 11 mil e em dezembro Cr\$ 15 mil. Do finalzinho do ano até fevereiro de 84, o preço da caixa de ovos a nível de produtor, pulou para Cr\$ 21 mil. Até meados do mês de julho o avicultor estava rece-

bendo em torno de Cr\$ 33 mil pela venda de uma caixa de ovos. Na outra ponta, onde está localizado o consumidor, a situação não é muito diferente. Quem for até um mercado, terá que desembolsar em torno de Cr\$ 1.400,00 pela aquisição de uma dúzia de ovos vermelhos e Cr\$ 1.250,00 pela dúzia de ovos branco.

A tendência é de que a situação se mantenha nesse nível e nem mesmo a entrada de ovos caipira a partir de agosto e setembro, deverá alterar em muito o mercado. "A produção de ovos atualmente é insuficiente frente a demanda existente. E até que a situação se normalise, o que não vai acontecer assim de uma hora para a outra, o ovo vai continuar estável" alerta o Baroni.

Ganhando dinheiro

"Agora sim o ovo está dando dinheiro", diz o Clóvis Natal Copetti, proprietário de um aviário localizado às margens da BR-285, em Ijuí, ao falar sobre a recuperação do mercado e da reviravolta nos preços do ovo. Não é para menos tanta euforia. Passada a crise que durou por quase três anos, recém agora o Clóvis começa a ver a "cor do dinheiro". Com mercado garantido e preços muito além do esperado, o Clóvis anda vendendo uma caixa de ovos — de 30 dúzias — por um preço quatro vezes maior que o alcançado neste mesmo período em 83. Os tempos difíceis, em que o preço do ovo mal dava para cobrir os custos de manutenção do aviário ficaram para trás e o negócio é aproveitar a situação favorável, "que acredito que ainda dure por mais um ano".

O Clóvis reconhece que a situação seria bem diferente se muitos aviários não tivessem fechado justamente pela falta de recursos próprios para manter a atividade. A própria frustração do milho na safra 82/83, segundo o Clóvis, contribuiu para o desaparecimento de muitos aviários e o abate de matrizes, já que os preços das rações concentradas tornaram-se insuportáveis. Só não caiu fora da avicultura como muitos fizeram, porque acredita que depois de uma crise sempre vem melhores dias. Mas teve época que trabalhava só para pagar os financiamentos e os juros, como aconteceu durante o ano passado, quando a dívida mensal atingia a cifra de Cr\$ 800 mil. Tudo isso porque não exis-



Clóvis Copetti: pensando em investir

tia milho, e descapitalizado, foi obrigado a recorrer a financiamento para adquirir ração.

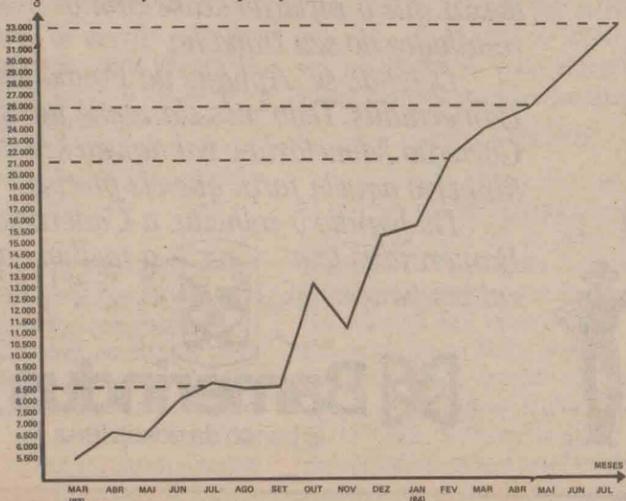
— Não tinha dinheiro que chegasse para sustentar a avicultura. Mas ainda bem que esse tempo ficou para trás e tudo está nos ajudando, inclusive o preço do milho.

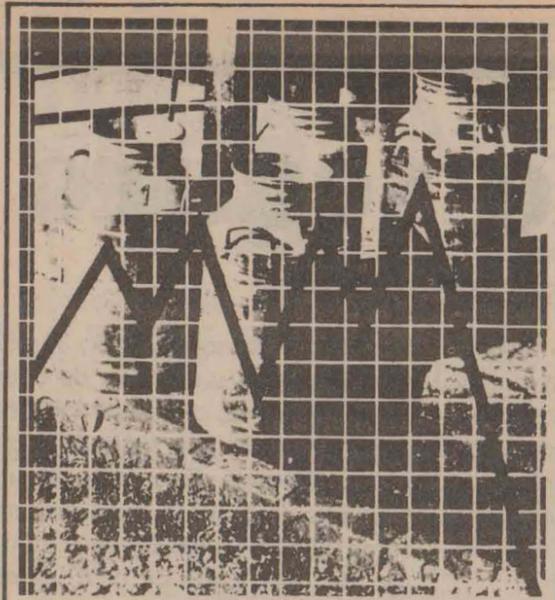
PENSANDO EM INVESTIR

Produzindo em média três mil ovos vermelhos por dia (já teve época que manteve uma produção de 3.500 ovos/dia) e com mercado garantido, o Clóvis agora anda pensando em investir um pouco mais na atividade. O primeiro passo vai ser a construção de mais um galpão para futuramente aumentar o plantel de aves (atualmente formado de 4.500). Diz ele:

— É hora de se preparar para esperar o que pode vir daqui para frente, principalmente se houver uma reação nos preços do milho, que o custo de produção aí encarece demais.

Evolução dos preços do Ovo, mês a mês — 83/84





LEITE

"Vivemos uma situação muito difícil", disse Ernesto Krug, diretor agrotécnico da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, ao falar da frustração dos produtores frente a um reajuste de 25 por cento, da falta de uma política definida para o setor e dos altos custos de produção. Disse ainda que este é o momento exato de forçar o governo a definir uma política que consolide o setor como um todo, levando-o a abandonar a forma errada que vem empregando por ocasião dos reajustes dos preços do leite. Com o tipo de tabelamento que o governo vem utilizando, somado aos problemas de organização da atividade a nível de propriedade, Krug diz que realmente não vê como o produtor possa cobrir todos os custos de produção.

Os reajustes estipulados pelo governo na ordem de 25 por cento para o leite consumo e 22 por cento para o leite indústria, só não tiveram percentuais mais elevados, segundo o diretor da CCGL, devido a pressão exercida pelas indústrias do centro do país. O fechamento de muitas fábricas de queijos, levou as indústrias a se verem envolvidas com um volume muito grande de produto. Com medo de prejuízos e ainda tendo como agravante a importação de leite em pó, essas indústrias começaram a pressionar o governo para que não aumentasse o preço do leite a nível de consumidor.

Falta política de amparo ao setor

BAIXA PRODUTIVIDADE

Para Krug a questão dos preços é apenas mais um problema que se soma a toda uma situação desfavorável. "A problemática da produção leiteira é bem mais complexa do que se pensa e não se resume apenas ao preço, que se comparado com o de outros países, é um dos mais elevados", diz. O próprio produtor não estaria nessa situação se a sua produção estivesse organizada de forma diferente, capaz realmente de compensar os custos. E enquanto persistirem os problemas de falta de estrutura na propriedade, de baixa produtividade, Krug acredita que nunca vai existir um preço que realmente remunere adequadamente a produção. Ele lembra que do 10º lugar que ocupa a nível de produção mundial, o Brasil cai para o 34º lugar em termos de produtividade. "Temos os piores índices de produtividade do mundo", diz, citando como exemplo de alta produtividade, Israel, que produz em torno de 9 mil litros de leite por ano/vaca. Os Estados Unidos produzem 5.404, o Japão 5.336 e o Brasil apenas 675 litros, com uma média de 1,85 litros de leite por vaca/dia.

Estudos realizados pela própria Central mostram que 75 por cento dos custos de produção de leite a nível de propriedade estão distribuídos entre as despesas com fretes, alimentação (o item de maior peso), os juros e financiamentos e a mão-de-obra.

COLETA E GRANEL

A falta de alimentação em determinadas épocas do ano, a questão da mão-de-obra e até a utilização de recursos financeiros são problemas que serão solucionados

na medida em que o produtor conseguir se estruturar melhor, buscando a viabilização de sua produção. Na medida em que conseguir aumentar a produtividade, estará reduzindo custos e gerando uma maior lucratividade. Mas para amenizar os custos com fretes, por exemplo, "uma questão totalmente alheia a vontade do produtor, Krug vê como única saída a implantação de um sistema de coleta a granel, semelhante ao que é realizado em muitos países europeus. Com a implantação desse sistema, o leite seria recolhido de dois em dois dias através de caminhões tanques e resfriados na propriedade. Só que para a implantação desse sistema o setor teria de contar com o apoio do governo através de recursos financeiros compatíveis com a lucratividade da produção.

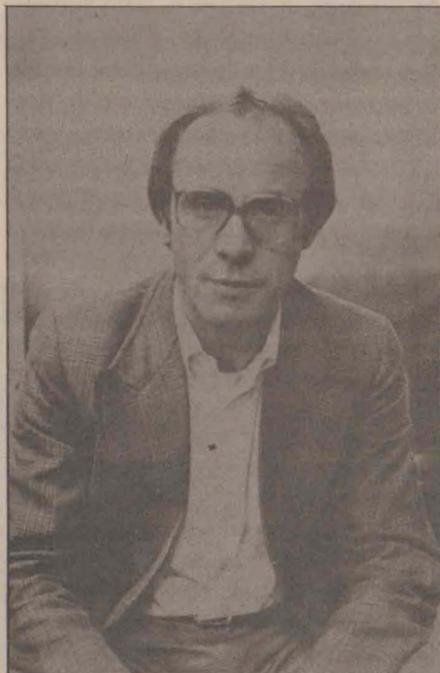
Krug cita ainda como fatores negativos e responsáveis pelo declínio da produção leiteira, as adversidades climáticas em certos anos, a

falsa euforia por determinados produtos e a importação de produtos lácteos. Ainda para este ano está prometida a entrada de 20 mil toneladas de leite em pó, doadas pelos Estados Unidos, e mais 30 mil para o próximo ano. São fatores, que de uma forma ou de outra, argumenta o diretor técnico, desestimulam a atividade. Os reflexos dessa importação são bastante negativos, embora exista a promessa de que esse produto não chegue até o mercado, sendo destinado para programas de assistência social.

DEFINIÇÃO IMEDIATA

A situação só voltará a se normalizar a partir de definição imediata de uma política de preços estáveis, com critérios e épocas determinados para os reajustes. Afora o amparo de uma política de preços justos, Krug sugere ainda uma campanha de incentivo a inseminação artificial, o pagamento do leite pela qualidade, a viabilização de coleta a granel, a eliminação do segundo percurso, e a criação de linhas de crédito rural para o custeio e investimentos compatíveis com a realidade dos preços do leite. Ainda considera importante a criação de um Conselho Nacional do Leite, contando com a participação de produtores, consumidores, cooperativas, governo e indústrias.

Para as indústrias, vê como saída, o cumprimento da portaria que proíbe a venda de leite cru, a implantação definitiva de Empréstimos do Governo Federal — EGFs —, a criação de linhas de crédito compatíveis com o setor no sentido de viabilizar a diversificação industrial das empresas nacionais. O consumidor, por sua vez, seria beneficiado na opinião do diretor da CCGL, através da implantação de programas de conscientização sobre a importância do leite na alimentação. Também traria vantagens a criação de subsídios que beneficiassem as camadas mais baixas da população.



Ernesto Krug: falta estrutura

Ponha a safra pra render na Poupança Bamerindus.



Está na hora de ganhar o máximo na comercialização da safra deste ano, sem deixar que a inflação acabe com os resultados do seu trabalho.

Defenda-se. Aplique na Poupança Bamerindus. Todo mês ela rende juros e Correção Monetária e vai dar ao seu dinheiro aquela força que ele precisa.

Do plantio à colheita, a Caderneta Bamerindus tem a melhor safra em poupança.

Bamerindus
O banco da nossa terra.

Produção continua caindo

A produção leiteira do Estado está se transformando numa atividade impraticável em razão dos altos custos de produção e da baixa remuneração do produto. O reajuste de 25 por cento dado ao produtor a partir dos primeiros dias de julho só serviu para agravar ainda mais a situação, com o Rio Grande do Sul, quarto produtor de leite do país, na eminência de se tornar mais conhecido pela produção e importação de matrizes para outros estados, do que pela sua produção leiteira, que no ano passado fechou em pouco mais de 500 milhões de litros de leite.

A crise não é aparente. Os números de recebimento de leite no Estado estão aí, para mostrar toda uma situação que vem se agravando mês a mês. De janeiro deste ano em diante, muito produtor deixou de acordar cedo e se envolver com uma atividade que não está deixando margem de lucro. Comparando a produção recebida em janeiro/83 com a produção recebida em janeiro/84, observa-se um decréscimo de 14,15 por cento. Neste mesmo período, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL — recebeu 14,64 por cento a menos de leite.

Em fevereiro deste ano, a produção gaúcha caiu em 11,75 por cento, se comparada com a produção de 83. A produção da CCGL, utilizando a mesma comparação, caiu em 7,54 por cento. No mês de março registrou-se um decréscimo

negativo de 11,04 por cento, enquanto que a produção da CCGL caía 11,91 por cento; em abril a produção gaúcha caiu 10,79 por cento em relação ao produzido no mesmo mês em 83 e a produção da CCGL 13,45 por cento. Em maio deste ano a produção gaúcha caiu 14,90 por cento em relação ao que foi produzido em 83 e a produção recebida pela CCGL em 13,66 por cento. Em junho, comparando mês a mês, o recebimento da CCGL teve um crescimento negativo de 10 por cento.

As indústrias gaúchas, enfrentando problemas de ociosidade em razão das quebras de produção, falta de recursos financeiros, estrutura funcional inadequada (fundamentadas na produção de leite pasteurizado), concorrência da comercialização do leite cru, queijos, natas e manteigas de fabricação caseira, também não conseguiram fugir da crise. A retração no consumo em função até do baixo poder aquisitivo da população, obrigou as indústrias a diminuir a produção de determinados produtos, como queijos, manteigas, leite em pó e cremes de leite.

O iogurte, apesar da crise, mas favorecido pela extensa propaganda de televisão, apresentou um crescimento positivo de 21 por cento em 83, em comparação com o que foi produzido em 82. O leite em pó industrial cresceu 19,19 por cento e o leite em pó integral, 102,28 por cento.

Demonstrativo da quebra de produção em 83

Produto	Percentual de crescimento
Queijo	(-) 36,35%
Manteiga	(-) 9,75%
Crema de leite	(-) 23,60%
Leite em pó desnatado	(-) 20,28%

Os números da Feira

A evasão de matrizes para outros estados é um reflexo da própria crise em que se vê envolvida a pecuária leiteira do Estado, em razão da inexistência de uma política de preços definida para a produção de leite. Muitos animais de raças puras, têm saído do Estado até por preços de venda inferiores ao real.

Tal situação está inclusive refletindo diretamente na participação do gado leiteiro na Exposição Internacional de Animais, que se realiza no Parque Assis Brasil, em Esteio, e que corre o risco de insucesso em termo de vendas. Para a próxima Expointer que se realiza de 23 de agosto a dois de setembro, foram inscritos 300 animais da raça Holandês, 202 da ra-

ça Jersey, totalizando 502 animais, o que não chega a preencher as argolas disponíveis no galpão do gado leiteiro, que em anos anteriores eram concorridíssimas.

GADO LEITEIRO

A própria Feira do Gado Leiteiro de Ijuí, em sua 10ª edição, prevista para o período de 18 a 23 de julho, no Parque Municipal de Exposições Assis Brasil é um reflexo da situação geral. Para este ano estão inscritos 181 vacas de leite contra os 223 inscritos na Feira passada. Ainda foram inscritos 51 animais de corte, quatro equinos e 15 suínos. É que paralela a Feira do Gado Leiteiro acontece a I Feira Agropecuária, com a venda e troca de outros animais e maquinários agrícolas.

Dinheiro perdido

Só em 83 deixou de circular na região da área de ação da Cotrijuí — Região Pioneira — a quantia de Cr\$ 51.297.396,59, prejuízo que corresponde a entrega de 551.534 litros de leite ácido e 376.220 litros de leite condensado. De janeiro a maio deste ano o prejuízo já soma a quantia de Cr\$ 57.323.213,00, que corresponde a produção de 275.873 litros de leite ácido e 174.449 litros de leite condensado (ver quadro A). O prejuízo com leite condensado ainda é maior porque esse produto nem é recebido pela indústria. "É muito dinheiro jogado fora", lamenta o João Valmir Cezimbra Lopes, coordenador da área de leite da Cotrijuí, Região Pioneira.

Segundo o Lopes, o montante de prejuízo com o leite ácido e condensado entregue em apenas um ano, equivalem ao total de recebimento de leite em boas condições de um mês no período de inverno. "O produtor deixa de ganhar por um mês de trabalho durante todo o ano, explica. Os 1.170.000 litros de leite ácido e condensado produzidos em 1982, por exemplo, equivaleriam hoje a quantia de Cr\$ 270 milhões que deixaram de circular na região. "O mais grave da situação é que o produtor teve um custo em cima dessa produção, que no final não apresentou nenhum retorno. Sendo assim, não tem realmente preço que remunere a atividade", diz ainda o Lopes.

O problema da ocorrência de leite ácido e condensado, com maior índices nas entregas coletivas, é vista pelo coordenador da área como um sério fator de desestímulo a produção, e que pode ser amenizado a partir da conscientização do produtor no sentido de

realizar uma entrega individualizada e alguns cuidados de higiene e conservação do leite a nível de propriedade. Para amenizar problemas colocados nesse nível e que definitivamente influem na lucratividade do produtor, o setor de leite, aliado aos departamentos técnico e de Comunicação e Educação, estão programando uma rodada de reuniões nos núcleos onde o assunto será amplamente discutido com os produtores.

O percentual de leite ácido ou condensado tem acentuado em Ijuí, justamente onde um maior número de produtores faz a entrega do produto em tarros coletivos. Nos Postos de Santo Augusto e Ajuricaba, 82 e 90 por cento dos produtores, respectivamente, entregam a sua produção em tarros individuais. O fato destes dois Postos não receberem produto ácido, tem favorecido os cuidados por parte dos produtores com relação aos aspectos de higiene e conservação do leite.

Cr\$ 130,00 POR LITRO

Pelos cálculos do Lopes, o produtor que teve leite ácido ou condensado, deixou de receber, durante o ano passado, em torno de Cr\$. . . . 53,30 por cada litro produzido. Até o mês de maio deste ano, esse produtor já deixou de receber Cr\$. . . . 130,19 por litro.

Um levantamento realizado entre produtores que entregam leite em tarros coletivos mostrou que só no mês de janeiro, a perda por leite ácido e condensado, por produtor, foi de 20,1 por cento, o que corresponde a Cr\$ 34,69 a menos por cada litro de leite produzido em boas condições. Em maio esse percentual caiu para 16,9, o que equivale, em termos médio, um prejuízo de Cr\$. . . . 35,32 por cada litro (ver quadro B).

QUADRO A — Demonstrativo de prejuízo com leite ácido e condensado — Região Pioneira

Ano	1982		1983		1984	
	Qtidade (l)	Valor Cr\$	Qtidade (l)	Valor Cr\$	Qtidade (l)	Valor Cr\$
Ácido	940.061	20.483.518,59	551.534	26.409.546,75	275.873	32.336.533,54
Condensado	230.653	7.758.708,80	376.220	24.887.849,84	164.449	24.986.679,49
Total	1.170.714	28.242.227,39	927.754	51.297.396,59	440.322	57.323.213,03

FONTE: Setor de leite — Região Pioneira
OBS: Até maio de 1984

QUADRO B — Demonstrativo do prejuízo com leite ácido e condensado da entrega coletiva — Posto de Recebimento de Ijuí — 1984

Especificação Meses	Valor médio bruto p/l	-Percentual		Prejuízo p/l	Valor médio receb. p/l
		Acidez	Condensado		
Janeiro	169,85	14,6	5,5	34,69	135,16
Fevereiro	170,55	18,9	5,3	35,33	135,22
Março	192,42	8,9	3,3	24,25	168,17
Abril	233,40	7,7	3,8	24,09	209,31
Maio	234,70	11,7	5,2	35,32	199,38

Fonte: Setor de Leite — Região Pioneira.

Mais cobertura no solo menos risco de erosão

O Rio Grande do Sul vive neste inverno o "flagelo" das enchentes que, nos últimos anos têm sido cada vez mais frequentes e ainda mais "relâmpagos". Ou seja, os rios sobem e baixam rapidamente, deixando um rastro de prejuízos.

Desde muito tempo os técnicos das áreas agrícola e florestal vêm afirmando que o desmatamento provoca enchentes. Sem dúvida, esta é uma grande verdade e ao desmatamento também deve-se somar o uso intensivo do solo na agricultura.

Não é difícil de entender que a cobertura vegetal do solo retarda o escoamento da água das chuvas para os rios. Numa floresta, a espessa camada de Matéria Orgânica — resíduos de folhas, galhos e sementes entre outros, retém a água na superfície do solo, promovendo sua lenta infiltração. Um solo sem interferência das máquinas e agrotóxicos, mantém uma boa estrutura natural, apresentando alta capacidade de infiltração e armazenamento da água.

Dados de Machado (1976), revelam que o solo da Unidade de Mapeamento de Santo Ângelo (solo predominante na Região Pioneira da Cotrijuí), em situação natural, sob floresta, apresenta uma capacidade de infiltração de água de 148,3 milímetros por hora. Em outras palavras, significa que, uma chuva desta intensidade será totalmente absorvida pelo solo, funcionando este como uma esponja — e não haverá escoamento superficial da água diretamente para os rios, lagos, açudes. A água da chuva, nestes casos, infiltra lentamente no solo até atingir o lençol freático (água do poço) que, por sua vez irá alimentar as "vertentes" nas encostas e baixadas. Desta forma, esta água chegará ao rio somente depois de percorrer lentamente um longo caminho através da porosidade do solo.

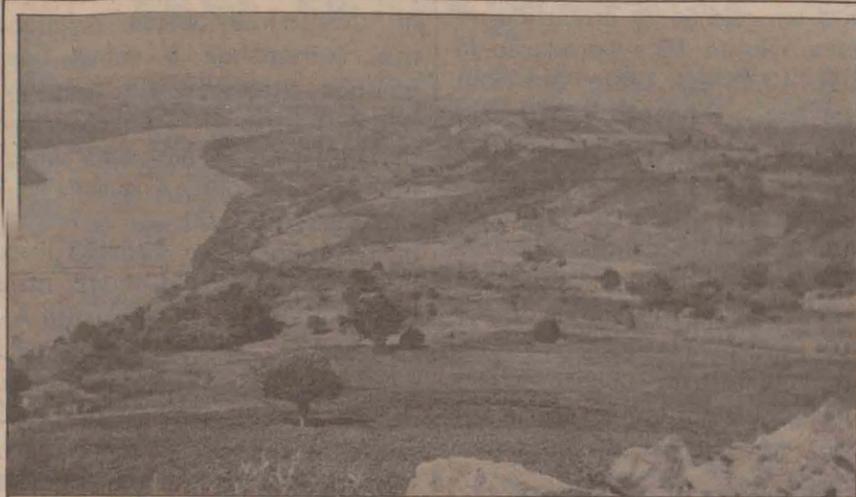
MAIS COBERTURA, MENOS EROSIÃO

Quanto mais a superfície do solo estiver coberta de matas ou de outras culturas permanentes, como as pastagens, menores serão os riscos de erosão e de ocorrência de enchentes. É especialmente importante que os topos das coxilhas permaneçam florestadas, porque é justamente aí que ocorrem as maiores infiltrações de água no solo. A cobertura vegetal das encostas também é importante, embora, devido a sua declividade, muita água ainda escorra sobre as folhagens, indo perder-se diretamente nos rios. Esta água, no entanto, está limpa e não leva consigo o precioso solo agrícola, os fertilizantes e ainda os perigosos resíduos tóxicos dos pesticidas.

As margens dos rios também merecem atenção, permanecendo florestadas, o que aliás, é uma exigência legal, embora, infelizmente, não seja cumprida. Esta faixa de mata resguardaria nossos cursos de água de muita poluição, assoreamento e, amenizaria a ocorrência e os efeitos danosos das enchentes.

TRISTE LIDERANÇA

O Rio Grande do Sul, na época do seu descobrimento, apresentava cerca de



Quanto mais o solo estiver coberto de matas ou outras culturas permanentes — principalmente os topos das coxilhas e as margens dos rios — menores serão os problemas de erosão e a ocorrência das enchentes relâmpagos

40 por cento de sua superfície coberta por matas. A natureza, sem dúvidas é sábia e estas matas estavam colocadas justamente sobre solos que mais necessitavam desta proteção na sua superfície — proteção contra o impacto das chuvas, e erosão. O que se vê hoje é lastimável. O Rio Grande do Sul, apresenta ainda, tão somente, 6,85 por cento da superfície coberta de matas. Pior que isso, é sabermos que o Rio Grande do Sul lidera — triste liderança esta — os índices de desmatamento no país.

E como se ainda não bastasse o desmatamento, o gaúcho, através de uma agricultura intensiva, principalmente depois do advento da soja, promoveu uma rápida degradação química, física e biológica do solo. De solos muito férteis física e biologicamente, transformaram-se em solos praticamente estéreis, "mortos". Toda a produtividade que se obtém destes solos tem que ser a base de altas inversões de capital em insumos químicos — fertilizantes e agrotóxicos.

As respostas a estes insumos vem diminuindo, o que é perfeitamente compreensível. A degradação e a compactação dos solos pelo uso indiscriminado dos "venenos" e das máquinas, faz com que as plantas sintam as deficiências de ar, de água e de Matéria Orgânica (vida do solo). Suas raízes têm o crescimento limitado pela compactação. Como consequência, o crescimento aéreo das plantas e a produção de grãos também ficam prejudicados.

No que se refere a absorção da água, os trabalhos de Machado (1976) revelam que quando o solo é submetido a uma agricultura intensiva, reduz sensivelmente a sua capacidade de infiltração da água. Assim, após quatro anos de agricultura, a infiltração caiu de 148,3 milímetros por hora para 90,8 milímetros por hora. Após oito anos, caiu para 17,4 milímetros por hora e com 14 anos para 6,6 milímetros por hora.

Como a grande maioria dos solos agrícolas do Estado tem mais de 14 anos de agricultura intensiva, pode-se esperar que de um modo geral, a capacidade de

infiltração da água esteja muito aquém dos 6 milímetros por hora. Consequentemente, para cada chuva com intensidade de 50 milímetros, menos de 6 milímetros infiltram no solo, sobrando 44 milímetros por hora para o escoamento superficial. O resultado disto é que em poucas horas, toda a água chega aos rios, cortando caminho pela superfície do solo e, provocando as enchentes relâmpagos. Mas o mais grave de tudo é que, pela rápida concentração das águas, há um aumento na sua força destrutiva e, também um aumento do volume de terras arrastadas. Com a terra, são carregados fertilizantes, calcário, resíduos de agrotóxicos e sementes. Este material arrastado, além de representar importante perda para o solo e para a produtividade agrícola, irá poluir e assorear os cursos d'água, diminuindo sua capacidade de escoamento e aumentando os riscos de enchentes.

AS PERDAS

O mais curioso, considerando os fatos mencionados, é que ano após ano, todos, inclusive os poderes públicos municipais, estaduais e federais, lamentem as enchentes e seus prejuízos, as frustrações de safras e as perdas irreparáveis do patrimônio nacional, bem como uma redução na arrecadação de impostos, culpando a fatalidade. Gastam-se quase todos os anos verdadeiras fortunas reconstruindo pontes, rodovias, ferrovias, moradias e refinanciando lavouras, quando com investimentos menores e definitivos, estes gastos "estúpidos" poderiam ser prevenidos. Há quem diga que, politicamente é muito interessante que ocorram as ditas "catástrofes". Elas produzem votos e ganham eleições. Realmente, parece que a solução definitiva para estes problemas não interessa a muitos homens públicos. Aliás, só assim, pode-se entender a razão de não existir crédito para reflorestamento de pequenas áreas, em pequenas propriedades. Atualmente, somente os grandes projetos de reflorestamento — normalmente ligados a grandes indústrias de transformação, em geral multinacionais — são beneficiadas com crédito subsidiado. Normalmente as regiões menos acidentadas, que mais

necessitam de cobertura vegetal, são aquelas ocupadas por pequenas propriedades. As grandes empresas, beneficiadas com o crédito, optam pelo reflorestamento de terras mecanizáveis, tomando-as à agricultura e concorrendo diretamente com a produção de alimentos e de grãos exportáveis. Para as pequenas propriedades, tem sido fácil financiar o "desmatamento", mas difícil de financiar o reflorestamento das encostas e margens de rios, inaproveitáveis para a agricultura.

Também não existe crédito específico para a conservação do solo, e muito menos para financiamento de planos de recuperação e melhoramentos de áreas erodidas e degradadas física e biologicamente. Somente a recuperação química, altamente dependente de insumos produzidos por grandes empresas, tem sido contemplada com farto crédito nas últimas décadas.

A recuperação física de um solo não exige investimentos e insumos, a não ser eventualmente, associados com sementes de espécies indicadas como melhoradoras do solo. Normalmente é exigente em trabalho mecânico — combustível e mão-de-obra.

MINIMIZAR A SITUAÇÃO

A recuperação física dos solos agrícolas e a cobertura florestal dos topos das coxilhas, das encostas íngremes e das margens dos rios em todo o Estado, contribuiria sensivelmente para minimizar as "fatídicas" enchentes com seus prejuízos incalculáveis e cada vez mais frequentes.

Mas para que esta recuperação ocorra é necessário que o agricultor se sinta estimulado e receba vantagens de crédito e uma garantia de sobrevivência de sua família, mesmo plantando mato — que produz retorno somente a longo prazo. No atual modelo de política econômica e agrícola imediatista e com incentivos apenas para os produtos de exportação (grãos, farelos, e através deles, dos minerais e nutrientes químicos dos nossos solos agrícolas), os solos tendem a ser agredidos de forma cada vez mais intensiva, na busca da sobrevivência ou do acúmulo de riquezas, mesmo que o custo disto seja o comprometimento de produtividade futura do solo através de sua rápida degradação e esterilidade. Paralelamente ainda, favorecendo as catástrofes climáticas — que já se mostram cada vez mais frequentes e comuns.

Os jornais mostram os estragos, lamentam as perdas e os prejuízos causados aos cofres públicos, mas dificilmente falam das causas reais destas tragédias ou das suas soluções preventivas. Sem dúvida, não será através do "concreto" e nem de uma agricultura cada vez mais mecanizada e dotada de máquinas cada vez maiores e pesadas — que compactam o solo — que o problema será resolvido.

O Rivaldo Dhein é engenheiro agrônomo colaborador do Departamento Técnico da Cotrijuí e do Cotrijornal.

Atenção especial ao parreiral

Julho é um dos melhores meses do ano para a realização do plantio de novas mudas de parreiras ou então, caso o parreiral já esteja implantado, de uma revisão geral. As doenças de inverno, como a antracnose e a peronóspora deverão ser controladas preventivamente nesta época para que não comprometam a produção final.

Para aqueles produtores que recém agora vão iniciar a lida com parreiras, o primeiro passo a seguir é definir exatamente o destino da sua produção, para então, mais tarde, escolher as variedades adequadas e o local de instalação. Tudo decidido, é hora de iniciar a abertura das covas, que de acordo com as recomendações do Ilário Gasparin, agrônomo responsável pela área de viticultura da Unidade de Ijuí, devem ter em média 40 centímetros de largura e profundidade, e um espaçamento de 2,5 metros entre filas e 1,5 metros entre plantas. A adubação recomendada pelo agrônomo baseia-se na utilização do esterco curtido, na dosagem de cinco quilos por plantas. Em áreas onde o solo não foi corrigido, acrescentar meio quilo de calcário por cada planta.

Se o parreiral for de porte pequeno e destinado apenas ao consumo familiar, recomenda-se o plantio de mudas prontas, que podem ser adquiridas na Cooperativa. Caso o parreiral seja destinado a produção de vinhos, o ideal é enxertar as mudas. A muda enxertada, além de dar maior vigor a planta, proporciona o aprofundamento do sistema radicular e ainda evita a transmissão de muitas doenças. O porta-enxerto, ou o "cavalo", como também é conhecido, deve ser de uma variedade bastante rústica, de sistema radicular forte e resistente. Os melhores resultados com enxertia são obtidos nos meses de julho e agosto, época em que a planta se encontra em dormência.

CUIDADOS NO PLANTIO

Durante o plantio das mudas deve-se ter o cuidado de evitar que o "calo" da enxertia fique soterrado. Para o melhor desenvolvimento da planta, o Ilário sugere que logo após o plantio seja feita a poda da muda, cortando-a bem rente ao solo, deixando duas gemas. Em seguida a brotação, selecionar a melhor haste e retirar as demais. Cada planta deverá receber uma estaca de taquara, com cerca de dois metros de comprimento. Esse tutor, como também é chamada a estaca, servirá de suporte e ainda ajudará na condução da planta.

PODA DE ACORDO COM A VARIEDADE

Essa é a melhor época do ano para realizar a poda dos ramos desnecessários e que só irão atrapalhar a floração e a maturação dos frutos. A poda das parreiras depende em muito das variedades e do vigor da planta. Como na região predominam as variedades mais rústicas, como a Niágara, por exemplo, o Ilário aconselha a poda curta, deixando as varas de produção (ramos de um ano) com apenas três ou no máximo quatro gemas. As variedades mais finas requerem uma poda mais longa, com até sete gemas.

Na verdade o Ilário diz que não existe um período determinado para a realização da poda nos parreirais. Tudo depende do local de instalação, da variedade e das condições climáticas. Mas a maior garantia da época certa, o produtor vai obter a partir da observação do pomar. O melhor período é quando as gemas começam a inchar ou então, quando os ramos cortados começam a soltar a seiva.

TRATAMENTO DE INVERNO

A incidência de doença e pragas nos parreirais é um problema muito sério e que se não atacado em tempo, têm reflexos na produção final. A doença que mais incomoda os produtores da região tem sido a antracnose, também conhecida como "olho de passarinho", que ataca as folhas e os ramos. A peronóspora, também tem trazido alguns prejuízos aos produtores da região. Muitos parreirais estão infestados por cochonilhas, um inseto que suga a seiva, provocando o definhamento da planta.

O tratamento destas doenças e pragas pode ser feito através de aplicações de calda sulfocálcica. "Em caso de alta infestação aconselha-se duas aplicações sendo uma antes e outra logo após a poda da planta", alerta o agrônomo.

A calda sulfocálcica pode ser fabricada em casa, a um custo bastante reduzido. Basta que o produtor tenha em mãos enxofre em pó, cal virgem, água e espalhante adesivo. A receita não tem segredo. É só o produtor seguir as recomendações do técnico.

MODO DE FAZER

Num tonel de mais ou menos uns 20 litros, colocar um quilo e meio de enxofre, água e dois mililitros de espalhante adesivo. A água deve ser colocada aos poucos, até atingir um total de oito litros. Levar ao fogo. Tão logo a mistura comece a ferver, adicionar um quilo e du-

A poda é uma técnica que melhora a qualidade da produção



zentas gramas de cal virgem. Deixar ferver por mais uma hora, sempre agitando a mistura. Evitar o transbordamento da mistura durante a fervura, acrescentando-se água aos poucos. A solução estará pronta, o produto final passará da cor vermelha para o marrom escuro. Feito o resfriamento, coar a solução em um pedaço de pano limpo.

A dosagem correta para aplicação no parreiral será obtida a partir da mistura de um litro da solução com cinco litros de

água. A aplicação poderá ser feita com um pulverizador manual, procurando sempre atingir os ramos e o pé da planta. A aplicação de calda sulfocálcica após o inchamento da gemas provoca queimaduras.

A solução que não for utilizada deverá, para sua melhor conservação, ser guardada em um recipiente fechado, que tanto pode ser vidro como de plástico. Conservar a solução em lugar escuro para que não perca suas propriedades.



Ilário Gasparin: cuidados com o parreiral

TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.

FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:
NO PLANTIO CONVENCIONAL
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO
E PRÉ-EMERGÊNCIA
NO PLANTIO DIRETO
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL

TRATAR COM
LEXONE[®]
NA SUA COOPERATIVA
OU REVENDEDOR MAIS PRÓXIMO.

DU PONT
MARCA REGISTRADA

As doenças de inverno

As variações de temperatura provocam mudanças no organismo das pessoas, favorecendo, principalmente, a instalação de doenças do aparelho respiratório, além de possíveis distúrbios nutricionais. O ideal é não proteger em demasia as crianças, as mais atingidas pelas doenças de inverno, permitindo assim, que o organismo tenha condições de adquirir resistência. Crianças resistentes, não ficam tão vulneráveis ao ataque de doenças de inverno. Qualquer criança adquire resistência física andando muito à vontade, sem tanto agasalho, pés descalços e tomando banhos frios.

Entre as doenças mais comuns de inverno e que, em certas ocasiões chegam a atacar populações inteiras, encontramos a amigdalite, gripe, asma, bronquite crônica, pneumonia e otite média. São doenças causadas, de um modo geral, por vírus e bactérias. Por falta de informações, as pessoas atacadas por qualquer uma destas doenças, passam a combatê-las com antibióticos. São medicamentos que não vão atuar sobre as doenças causadas por vírus, pois estas são cíclicas e depois de uma certa evolução, desaparecem do corpo. A própria gripe, é uma doença cíclica. Porém, se faz necessário um certo cuidado com as complicações que poderão surgir em consequência de qualquer uma destas enfermidades.

AS DOENÇAS MAIS COMUNS

A gripe é uma doença causada por

um vírus e que pode atingir grandes populações, transformando-se em epidemia. Os sintomas iniciam com um mal estar rápido, febre e problemas respiratórios, como tosse, catarro e dores pelo corpo inteiro. A gripe evolui para uma melhora, quando não existe nenhuma complicação, em questão de poucos dias. Uma gripe mal curada pode se transformar em bronquite ou pneumonia. Por ser causada por um vírus, toda a pessoa que estiver bem alimentada e com o organismo saudável, tem uma recuperação rápida. Antibióticos no tratamento de gripes só devem ser usados por orientação médica. O uso indiscriminado de antibióticos leva a resistência da doença, dificultando o tratamento e colocando em risco a vida da pessoa.

A amigdalite, mais conhecida como dor de garganta, é muito comum em crianças e jovens. Tanto é causada por vírus como por bactéria. A amigdalite evolui normalmente em uma semana. Quando associada a alguma infecção, observa-se dor na garganta, dificuldade em engolir, febre de até 40 graus e inchamento das amígdalas. Em decorrência de complicações de uma amigdalite ocorrem infecções renais e febres reumáticas. Normalmente os antibióticos não são usados. Pode-se recorrer a eles em casos de infecção por estreptococos (bactérias), sempre com orientação médica.

A pneumonia é a mais grave das

doenças do aparelho respiratório. É uma doença aguda dos pulmões que ocorre frequentemente após um problema respiratório como a bronquite ou a asma. A respiração se torna rápida e superficial, ocorrendo a formação de um muco amarelo-esverdeado, com a presença de sangue. A pessoa doente sente dor no peito e um mal estar geral. O tratamento é feito a nível de ambulatório e hospital com antibióticos e outros medicamentos que tratam da melhora do quadro geral do paciente.

A asma se caracteriza por ser uma obstrução aguda dos brônquios, ocasionando falta de ar e chiado no peito. Os primeiros sintomas aparecem na infância e a doença se prolonga por toda a vida. O enfisema pulmonar é uma consequência da asma. O tratamento é feito à base de medicamentos que auxiliam na dilatação dos brônquios. Todo o asmático deve evitar o uso do fumo, que dificulta a respiração.

MUITA VITAMINA

A falta de apetite é uma das consequências de toda a pessoa com problemas no aparelho respiratório. No sentido de evitar distúrbios nutricionais, aconselha-se a ingestão de alimentos pouco consistentes, como os mingaus, sucos de frutas e leites. São alimentos de fácil ingestão e não irritam as paredes da garganta, que em consequência da doença apresenta-se vermelha (hiperêmica) e ade-

maciada. As vitaminas, principalmente a C, são usadas como medicamentos preventivos, podendo muito bem substituir os medicamentos químicos, que nem sempre apresentam resultados. Uma alimentação à base de verduras (aspargos, aipo, vagem, milho verde, couve-flor) e muita fruta (laranjas, bergamota, limão), ajuda a manter o corpo sadio e resistente aos resfriados, pela grande quantidade de vitaminas que transfere.

Um aparelho respiratório sadio, com boa oxigenação ao organismo, pode ser mantido através de exercícios físicos, banhos frios, casa bem ventilada e muita planta próxima a residência.

Ao primeiro sintoma de distúrbios respiratórios, o doente deve iniciar um tratamento à base de medicamentos caseiros, como os chás de casca de laranja, de catinga de mulata e muita vaporização com folhas de eucalipto. Em caso de uma gripe forte, muito banho quente, tanto de chuveiro como de imersão, agasalho e repouso. Quando houver muita transpiração (suor) procurar trocar a roupa sempre que sentir que está ficando úmida. Os chás devem ser ingeridos em grande quantidade para evitar a desidratação. Um analgésico auxilia no tratamento de alguma complicação que poderá surgir.

Teresinha Weiller e Zilma Rosely Souza
Departamento de Comunicação e
Educação - Cotrijuí

A continuidade dos trabalhos

Em continuidade ao trabalho desenvolvido junto aos núcleos cooperativos de esposas e filhas de associados, o Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, Unidade de Ijuí, realizou cursos de pintura em tecido (técnica de molde vazado) em Linha 8 Floresta, Aracy Serves e Salto. Dentro do objetivo de valorizar o trabalho da mulher rural, os cursos, além de significarem mais uma prestação de serviços às famílias dos associados, são também mais uma forma indireta de retorno ao quadro social.

Os cursos organizados nos núcleos de Linha 8 Floresta e Aracy Serves foram de responsabilidade da comunicadora Carmem Simon. No decorrer do curso foram pintados 25 desenhos em panos de pratos, todos com moldes produzidos pelas próprias participantes. No encerramento que aconteceu no início de junho, todos os trabalhos foram colocados em exposição. Um chá acompanhado de bolachas, tortas, cucas, organizado pelas próprias participantes deu um toque festivo ao encerramento.

No núcleo de Aracy Serves participaram do curso Neli Dorn, Irene Cavaleiro, Roseli Botega, Andreia Dobrachinski, Marisa Fracaro, Circe Serves, Eloir Ferreira, Marivani Grams, Cláudia Dobrachinski, Marcia Serves, Selma Becker, Gladis Becker, Tânia Dobrachinski, Solange Golle, Rosane Becker, Sandra Dobrachinski, Evanisa Becker e Rosimeri dos Santos.

Rosane Hutra, Lizette Klahr, Jaqueline Perschke, Lorizane Shildt, Silvana Ledermann, Ivana Ledermann, Marelise Bigolin, Maria Mattner, Lurdes Leder-

mann e Paulina Shimanoski participaram do curso realizado em Linha 8 Floresta.

INFORMAÇÕES SOBRE O CTC

No núcleo de Salto o curso foi desenvolvido com a orientação da estagiária de Técnicas Domésticas, Lisiane A. da Silva e coordenação da comunicadora Rosani Maria Ottonelli. O encerramento aconteceu no dia 14 de junho, no Salão Comunitário do Salto e contou com a participação dos núcleos de Saltinho, São Valentim e Rincão dos Pinheiros. Uma exposição dos trabalhos e uma palestra sobre o Centro de Treinamento da Cotrijuí a cargo do Diretor Agrotécnico, Renato Borges de Medeiros e do agrônomo coordenador de pesquisa e extensão, Roberto Carbonera, marcaram o encerramento do curso. Atividades na área de pesquisa desenvolvida no CTC, história da agricultura, importância da diversificação agrícola e importância da pesquisa na área agrícola, foram os assuntos abordados durante a palestra. Antes da confraternização, o pessoal falou um pouco sobre o plebiscito, desfazendo as últimas dúvidas e ainda discutiu um assunto que de uns tempos para cá vem sendo levantado em quase tudo quanto é reunião: a participação da mulher.

O curso de pintura em tecido no núcleo de Salto contou com a participação de Beatriz da Silva, Bernadete Bonfada, Dalila Kapper, Eliane Bigolin, Eunice Lorenzoni, Glaci Lenna, Isabel Aozani, Isira Rita, Lionira Maria Padoin, Loreci Cervi, Lurdes Trevisan, Nelsi Cervi, Soeli Kramer, Zebina Lenna, Lorena Aozani, Eldiva Chitolina, Lisane Cervi, Lires Cassali, Rosimeri Cossetim, Maria Eliane Cossetim, Cleci Galli, e Solange Bonfada.



O encerramento dos cursos de pintura em Aracy Serves...



... Linha 8 Floresta e ...



... Salto aconteceu com uma mostra dos trabalhos realizados durante as aulas práticas

A lavoura do mês



HORTALIÇAS DIVERSAS

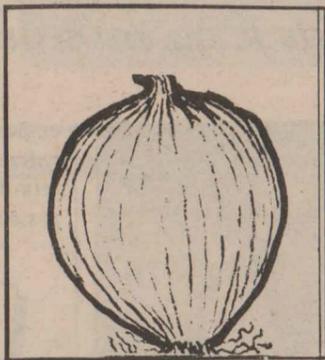
O clima nos últimos dias, apesar das frequentes chuvas, tem dado condições para a recuperação das hortas. A ocorrência de muitos dias nublados favorece as operações de semeadura e transplante, havendo pegamento total das mudas.

O mês de julho e agosto são recomendados para efetuar semeadura de Repolho, Couve manteiga, Rabanete, Rúcula e Alface. O repolho semeado nesta época será colhido a partir de outubro/novembro, época em que pode haver falta de outras hortaliças, por isso é importante se prevenir e semar agora.

CEBOLA

A cebola está agora praticamente toda transplantada e o desenvolvimento é satisfatório. Alguns produtores optaram pela prática de plantar a semente de cebola diretamente no local definitivo. Portanto, sem fazer transplante. Também nestas áreas o desenvolvimento é bom.

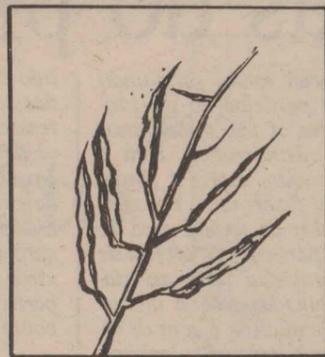
As fortes chuvas levaram em parte os adubos aplicados nas lavouras de cebola, pelo que se recomenda a aplicação de 5 gramas por metro quadrado de Sulfato de Amônio, para acelerar o crescimento das plantas.



LENTILHA

A situação geral das lavouras de lentilha é boa. O vigor em algumas áreas é deficiente, o que é consequência das fortes chuvas e pouca insolação. Alguns associados têm procurado orientação para aplicação de nitrogênio (uréia) em suas lavouras. Esta prática não é recomendada, pois faz as plantas crescerem demasiadamente, facilitando mais tarde o acamamento e assim diminuindo a produção.

Em relação às moléstias, até o presente não se tem observado a ocorrência. É importante, porém, ficar atento e debater com o Departamento Agrotécnico as dúvidas de campo.

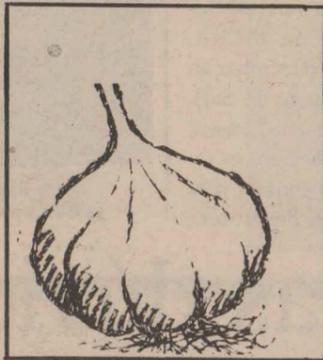


ERVILHA

A ervilha destinada a colheita de vagens verdes já se encontra nesta época em fase adiantada de desenvolvimento, estando algumas em início de florescimento e a sua evolução é boa.

As ervilhas destinadas a colheita de grãos secos e, neste caso, normalmente cultivada sem envaramento, ainda estão em fase mais inicial, ou seja, em crescimento.

As doenças da ervilha, que se caracterizam por manchas brancas nas folhas, não têm ocorrido neste ano. E sempre há a esperança de que se possa obter uma boa produção sem precisar usar defensivos para manter a expectativa de resultado.



ALHO

As chuvas intensas que têm ocorrido no período, logo após a semeadura, quando ainda o solo estava recém preparado, resultaram na formação de uma crosta superficial endurecida. Esta camada di-

minui o arejamento do solo e as plantas param de crescer, ficando com as folhas amareladas. Para se resolver esta situação, capina-se a área ou passa-se um sulcador ou outro equipamento que quebre esta crosta.

Até o presente momento não se tem verificado a ocorrência de doenças ou pragas, mas o produtor deve estar atento para que, quando notar o início de algum problema, entrar em contato com o Departamento Agrotécnico para melhor encaminhar a solução do problema.



BATATA

Os bons resultados, tanto a nível de pesquisa como em propriedades da região, das batatas de boa qualidade, leva a Cooperativa a distribuir exclusivamente sementes de reconhecida qualidade. Em anos anteriores, alertava-se os associados que o produto distribuído não tinha garantia de qualidade e poderia estar contaminado de doenças. E a partir deste

ano se procurará dispor de sementes pelas quais haja um efetivo conhecimento de sua origem. Estas sementes serão bem mais caras que as comuns, mas a sua capacidade produtiva compensará esta diferença. A partir de agora os interessados podem manter contato com o Departamento Agrotécnico para maiores informações sobre estas cultivares e sua multiplicação na propriedade.

RECOMENDAÇÕES

A abóbora é um produto de muita utilidade na propriedade rural, por isso já agora faça contato com a cooperativa, solicitando sementes para ter disponível na época certa.

Para podar árvores frutíferas, procure informações na cooperativa ou, de preferência, participe dos treinamentos desta prática na semana especial de fruticultura. As árvores mal conduzidas dificilmente terão os resultados esperados.

Revise suas colmeias de abelhas e verifique também se elas ainda têm alimento para resistir aos dias frios. Caso contrário, providencie, para que não venham a morrer de fome.

Os meses de julho e agosto são favoráveis ao plantio de eucalipto, e a Cooperativa tem mudas disponíveis.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m ² Coração de Boi e Matzukase				12 m ² Matzukase, Chumbinho				12 m ² Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m ² Manteiga				12 m ² Manteiga					
Rabanete	4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada		
Cenoura			18 m ² Nantes						18 m ² Kuroda			
Alface	12 m ² Kagraner e Maravilha verão		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Kagraner e Maravilha verão		12 m ² Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m ² Tall Top						18 m ² Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 pl. Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Rúcula, Alface, Cenoura, Repolho e Beterraba.



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Representa tranquilidade contra as incertezas do dia-a-dia

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513
fone: 332-3765 ou 332-2400



O ano do plebiscito

Está definida a data para realização do plebiscito sobre a Estrutura do Poder. No dia 21 de agosto, uma terça-feira, todos os associados que entregaram sua produção à Cotrijuí, no ano passado, poderão dizer se aprovam ou não o sistema que criou a figura do representante. Esta estrutura, em experiência nos últimos anos, estará agora sendo submetida à prova, para que, de acordo com a decisão da maioria, seja ou não incluída nos estatutos da Cooperativa.

DAS 8 ÀS 18 HORAS

É a partir da nova Estrutura do Poder, caso a aprovação aconteça, que serão definidas várias normas referentes à participação do associado na vida da Cooperativa (veja o Cotrijournal de maio). Vale lembrar que a manutenção ou não da figura do representante é apenas um aspecto do que estará sendo submetido à consulta do quadro social. O sistema é bem mais amplo, e trata, entre outras coisas, da participação de associados e representantes em assembleias e eleições na Cotrijuí.

Data marcada: 21 de agosto

Associados poderão votar na unidade ou em seus núcleos

A votação do dia 21 de agosto irá movimentar muita gente, entre associados, funcionários da Cooperativa e representantes de outros órgãos e entidades. O plebiscito despertou inclusive a atenção do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que enviará, de Brasília, representantes para acompanhar a votação. Está previsto que cada unidade, das regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, terá urnas fixas, das 8 às 18 horas, para receber os votos.

Além destas urnas fixas, outras urnas volantes percorrerão localidades do interior, de acordo com um roteiro que está em elaboração e será publicado na próxima edição do Cotrijournal. Cada uma das urnas fixas terá como mesários no mínimo três associados, além de um funcionário, que acompanharão também a apuração. O escrutínio acontecerá logo após o encerramento da votação, nas unidades, e depois os resultados serão encaminhados à comissão central, em Ijuí.

Essa comissão será integrada por associados, um representante do INCRA, um representante da Oeergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul), e mais representantes de sindicatos e associações ligadas ao setor. Conhecidos os resultados, e se a maioria tiver optado pela manutenção da Estrutura do Poder, será



A mulher terá direito a voto, se o marido não puder participar

então marcada a data de uma assembleia extraordinária, para que seja formalizada esta decisão. Depois disso, a Cooperativa passa a contar com novos estatutos.

"SIM" OU "NÃO"

Através do plebiscito, a decisão será a mais democrática possível, pois a palavra final fica com a maioria dos associados. Esta forma de consultas às bases, como se diz, é usada há muito tempo. Vem desde a Roma antiga, antes de Cristo, quando as leis eram aprovadas ou não pelo povo. Os plebiscitos já foram usados para que a população se manifestasse sobre questões políticas, como mudanças numa forma de regime, ou sobre a adoção de medidas bastante polêmicas, como a liberação do aborto.

Desta vez, o associado da Cotrijuí irá dizer se prefere ou não a Estrutura do Poder que a Cooperativa implantou com pioneirismo no Estado, na tentativa de ampliar a participação do produtor, de democratizar suas decisões. Na cédula que receberá do mesário, o associado terá apenas duas opções, o "sim" ou o "não", pois um plebiscito é feito para que alguém se manifeste contra ou a favor de uma determinada proposta.

Respostas para as dúvidas do produtor

O associado continua fazendo indagações, em torno do plebiscito, e aos poucos estas dúvidas vão sendo esclarecidas. O Departamento de Comunicação e Educação da Regional Pioneira reuniu algumas dessas perguntas, que são respondidas abaixo, e que certamente irão contribuir para que o produtor se sintá mais à vontade na hora de decidir:

Como surgiu a idéia de se realizar o plebiscito neste ano?

Quando se implantou na Cotrijuí a Estrutura do Poder, entre 77 e 79, com as normas que tratam da função do representante, a forma de realização das assembleias e a eleição dos representantes e da diretoria, já se previu que esta Estrutura do Poder deveria funcionar como experiência e ser depois submetida a plebiscito, em 1984. Estas normas foram definidas depois de uma ampla discussão entre os associados e em seminários, em toda a área de ação da Cooperativa, com a participação de lideranças dos núcleos.

O que estará sendo aprovado com o plebiscito?

Serão aprovadas, se assim o associado decidir, a forma de realização das assembleias, a eleição da diretoria, a forma de participação do representante e a eleição do representante e, enfim, a estrutura dos núcleos e suas lideranças. As assembleias ordinárias de três em três anos, por exemplo, não acontecerão sob um único teto, num único local. Haverá urnas circulando em toda a área de ação, quando o associado poderá fazer uso do voto secreto para eleger os dirigentes da Cooperativa. O mesmo procedimento, com consulta aos associados, será adotado quando constar da ordem do dia os assuntos desmembramento, fusão ou incorporação, mudanças de objetivos ou dissolução voluntária

da sociedade. Já nas assembleias ordinárias de fim de ano, para apreciação do balanço, somente o representante irá votar, o que não impede que associados e familiares participem. Essa assembleia será realizada no núcleo, apenas num local, como já vem, aliás, ocorrendo. Com a Estrutura, se mantém o representante eleito por cada 150 associados, e se fortalece o núcleo, a comunidade organizada com suas lideranças, associados e familiares. Essas lideranças, que são os representantes e também os integrantes dos conselhos, de produtores, formam o "grande conselho".

Por que se criou esta Estrutura do Poder na Cotrijuí?

Com o crescimento do quadro social, na Região Pioneira, e depois com as incorporações, a partir de 1977, das áreas de Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, ficou quase impossível para o associado acompanhar mais de perto o dia-a-dia da Cotrijuí. Já em 1974 havia queixas de produtores, quanto à forma de realização das assembleias, com muita gente não se sentindo em condições de decidir na base do "senta-levanta". Os assuntos não eram discutidos como deveriam ser, e somente as pessoas com maior facilidade de expressão terminavam falando. Além disso, havia o problema das distâncias, e até a impossibilidade de se reunir tanta gente num único local.

Qual a importância da Estrutura do Poder para os associados e para a Cotrijuí como um todo?

Para o quadro social, ela ainda é a melhor forma de se oportunizar discussões e, a partir daí, dar condições para que se definam os rumos a serem seguidos pela Cooperativa. Com a incorporação ao Estatuto, essa forma de organiza-

ção do quadro social estará garantindo estatutariamente a participação do produtor na Cooperativa. A isso poderíamos chamar de gestão democrática. Para a Cotrijuí como um todo, esta é a forma mais viável de se fazer uma consulta rápida aos associados de toda a área de ação, obtendo-se a participação efetiva de uma parcela representativa desses associados. As decisões tomadas após as discussões em reuniões de núcleos e com os representantes passam a dar maior legitimidade às decisões e a própria instituição cooperativa. Assim, os representantes assumem também, de certa forma, o papel de fiscalizador junto ao Conselho Fiscal.

Quais os outros benefícios da Estrutura do Poder?

Todos esse processo, com maior participação e de agilização nas decisões, repercute também numa maior eficiência empresarial. A Cotrijuí ocupa hoje no Estado a 4ª posição, entre as empresas com maior faturamento, e precisa de uma estrutura organizacional sólida, tanto a nível de quadro social como funcional-administrativo. A gestão democrática assegura legitimidade aos atos de quem dirige, e faz ao mesmo tempo com que todos, de alguma forma, sejam responsáveis pela instituição, desde os associados e funcionários, até a diretoria executiva.

E se a Estrutura do Poder não for aprovada?

Se isso ocorrer, as assembleias voltarão a ser na base do "senta-levanta", como acontecia antes. A escolha dos dirigentes, a aprovação de contas, desmembramentos, incorporação, fusão, dissolução da Cooperativa e outros assuntos passarão a ser examinados num único local. É claro que, neste caso, certamente só

irão participar das assembleias, em função das longas distâncias, os associados que residam próximo da sede. Também deixará de existir a figura do representante e, em consequência, desaparece a discussão da ordem do dia da assembleia junto aos núcleos. Se a Estrutura do Poder não for aprovada, o quadro social deverá, no próximo ano, voltar a discutir outra forma de participar efetivamente da Cooperativa, como desejam os associados.

Quem poderá votar, quando do plebiscito?

O voto é assegurado ao associado que tenha entregue a produção no último exercício, ou seja, até 31 de dezembro de 83. Também podem votar os novos associados, que tenham ingressado de janeiro a junho 1984, e que tenham entregue produção nesse período. Pelas normas da Estrutura do Poder, ainda em experiência, a esposa pode votar, no lugar do marido, e isso pode acontecer quando do plebiscito. Mas não se sabe ainda se este direito irá constar dos estatutos, para outras votações que venham a acontecer. Acontece que há uma lei a nível de sistema cooperativista, que não permite ao associado delegar o direito de voto a outra pessoa, mesmo que seja a esposa ou parceiro. Mas o novo Código Civil, que será apreciado pelo Congresso, prevê a co-filia da família, ampliando os direitos da mulher, e se for aprovado certamente este obstáculo deixará de existir.

O que o associado precisa ter em mãos para votar?

Ele deve levar sua carteira de sócio da Cotrijuí, que funciona também como uma espécie de "título eleitoral" na Cooperativa. Se a esposa do produtor for votar em seu lugar, também ela deve levar a carteirinha do marido.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

A água

Onde ela existe?

A água existe em toda parte

No céu e na terra

Nas plantas e nos animais

E, é claro, nos riachos, nos rios, nos lagos, mares e oceanos.

Como ela pode existir?

A água pode ser líquida, como a que escorre da torneira

A água pode ser sólida, quando faz muito frio e ela se transforma em gelo.

Quando a gente esquentar a água, aquilo que sobe no ar, vindo de dentro da panela, é um gás. Ela é formada de gotinhas, tantas, que nem dá para contar.

É o vapor.

Quando ela existe?

Por toda a parte e todo o tempo, a água está se evaporando. Quando o vapor d'água sobe no ar, mas fica perto da terra, ele se chama neblina. Quando o vapor d'água sobe muito alto, no céu, vai formar as nuvens. As nuvens são empurradas pelo vento. Quando elas são muitas e estão juntas, o céu fica cinzento. Então, quase sempre, as nuvens esfriam e a água que estava nelas cai, em gotas.

É a chuva.

Se faz muito frio, cai geada ou neve. Quando chove, uma parte da chuva fica sobre a terra, enquanto uma outra parte entra na terra.

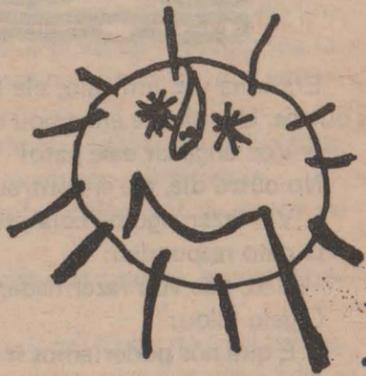
A água que entra na terra vai se acumulando e forma uma nascente. As nascentes são como torneiras, sempre abertas.

A água que vem da terra e das nascentes forma os riachos. Quando os riachos vão se encontrando, as águas vão correndo juntas e então formam um rio.

Existem grandes rios que levam a água aos mares e oceanos.

Por quê existe?

A água da chuva, das nascentes, das

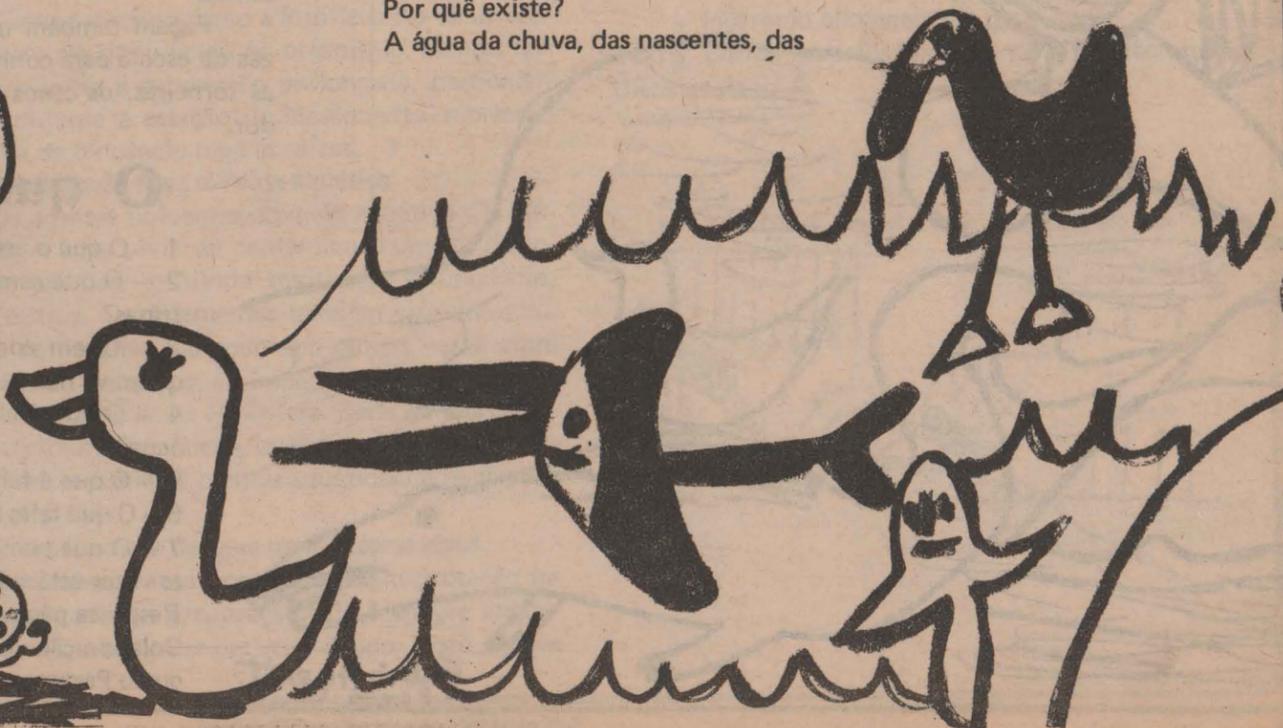
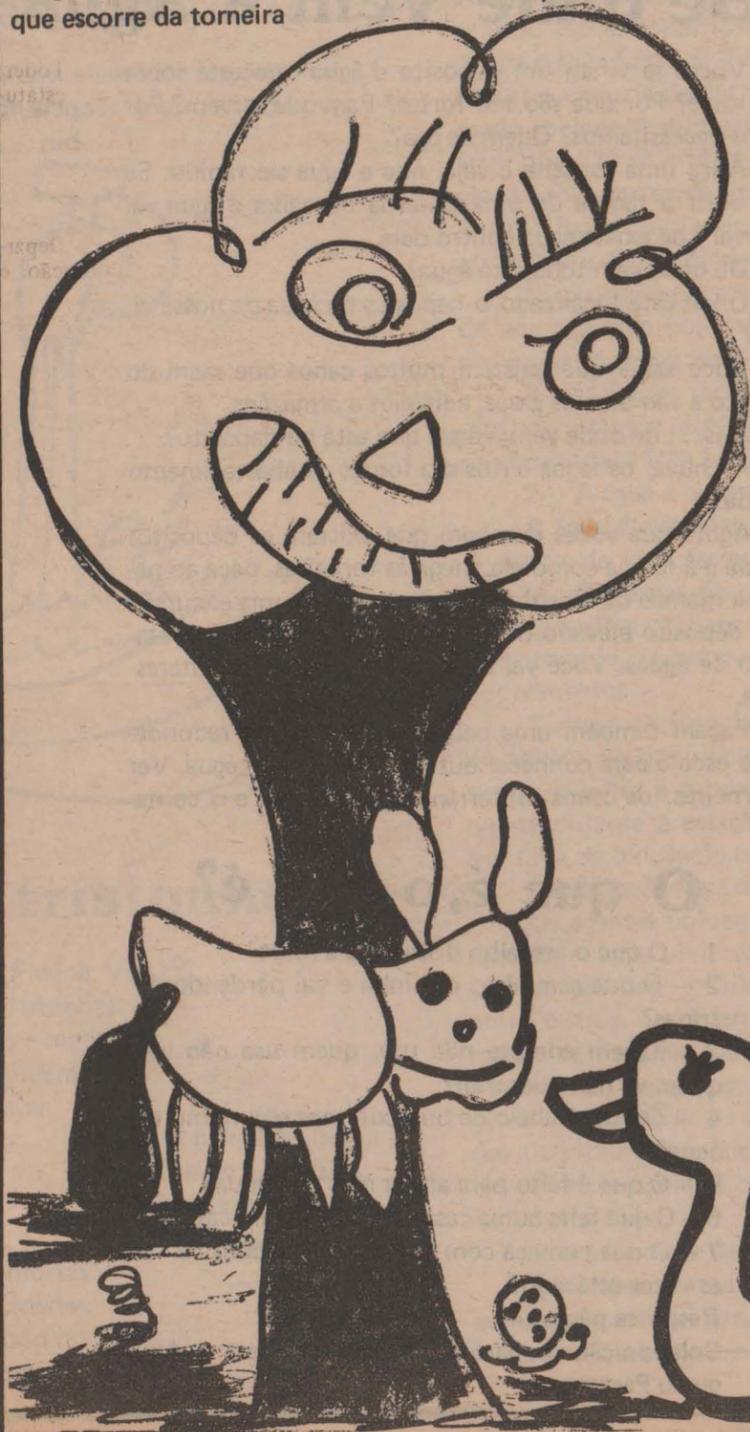


correntes e dos riachos é uma água natural, pura.

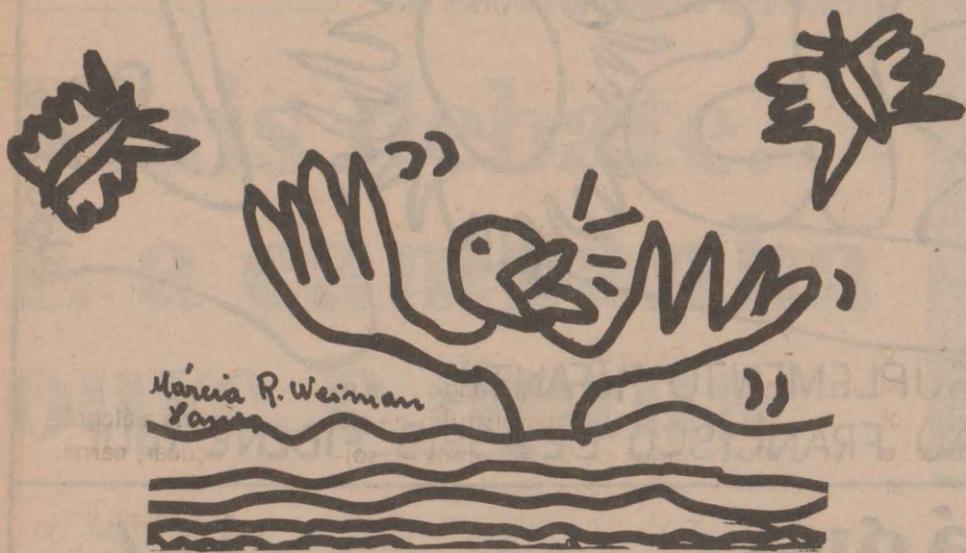
Mas às vezes acontece que são lançados na água certos produtos que não têm nada a fazer ali e a água fica poluída. As plantas precisam de água para viver. Os animais também. Tanto os animais que vivem dentro d'água, como os que vivem na terra. Você e eu, nós, temos que beber água todo o dia.

E nós precisamos das plantas e dos animais para viver.

Todos os seres vivos, plantas e animais, contêm muita água: não existe vida sem água.



O galo que enganou o pato



Era uma vez um galo, ele se chamava Gansolino. Ele adorava enganar os outros. Um dia ele enxergou o pato e pensou:

— Vou enganar esse pato!

No outro dia, ele encontrou o pato e falou:

— Vai fazer alguma coisa, seu pato?

O pato respondeu:

— Não, não vou fazer nada, por quê?

O galo falou:

— É que nós poderíamos ir até o lago tomar banho.

O pato respondeu:

— Boa idéia!

Antes do galo falar para o pato para irem ao lago, ele tinha colocado lá no lago um jacaré. O galo tinha feito uma proposta ao jacaré. O galo pagava ao jacaré para ir por baixo d'água e levar o pato ao outro lado do lago.

Chegaram no lago e o jacaré fez como o galo lhe pediu.

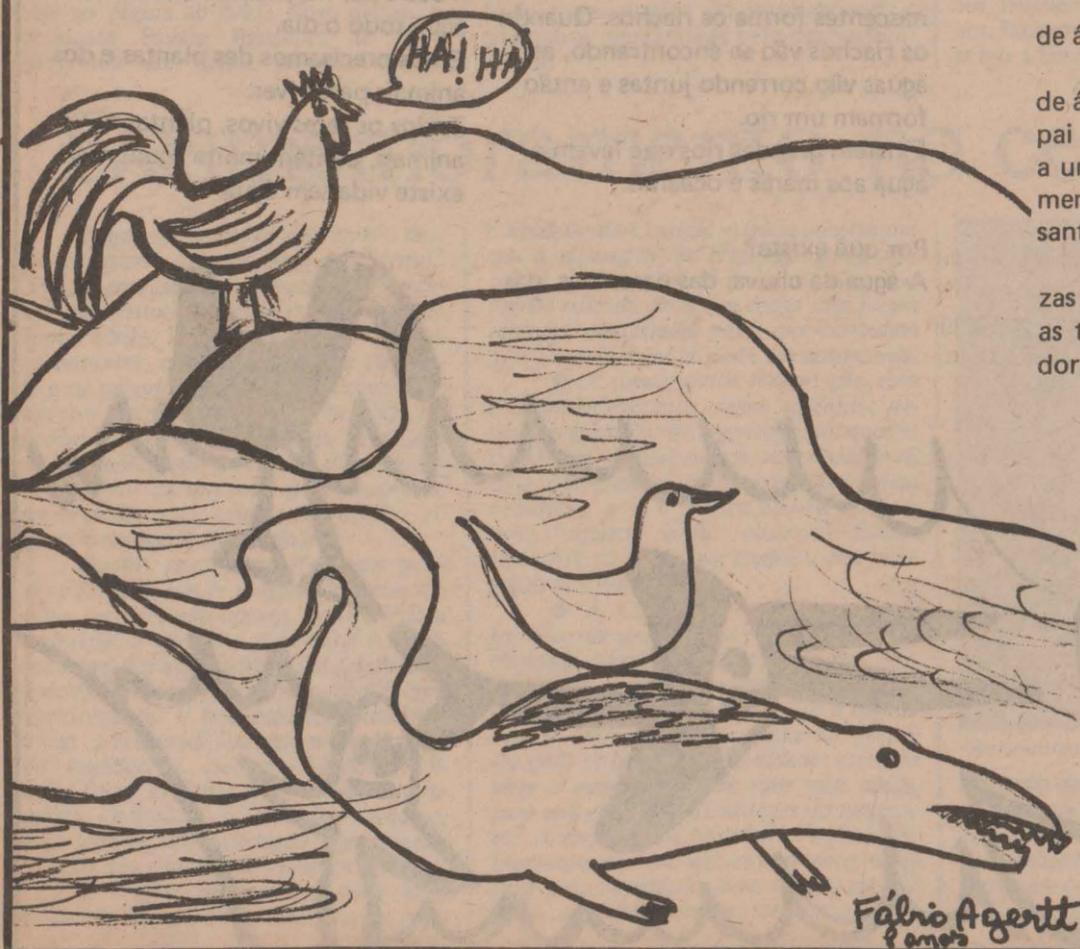
E o golpe aplicado.

O galo deu tanta risada do pato que quase caiu dentro do lago.

Esta história foi criada pela garota Alana Sallet Diniz — 9 anos. Ela estuda na Escola Estadual de 1º Grau Cecília Meireles — Coronel Bicaco — RS.

Agradecemos a colaboração e cumprimentamos a professora Maria Milezarek pelo incentivo aos alunos, na criação de histórias.

Parabéns! Continuem escrevendo.



Como podemos limpar a água

Relato coletivo, da experiência — 2ª série —
Professora Solange Rufino — EFA — junho de 1984

Hoje, nós da 2ª série, construímos um filtro porque estamos estudando maneiras de filtrar a água.

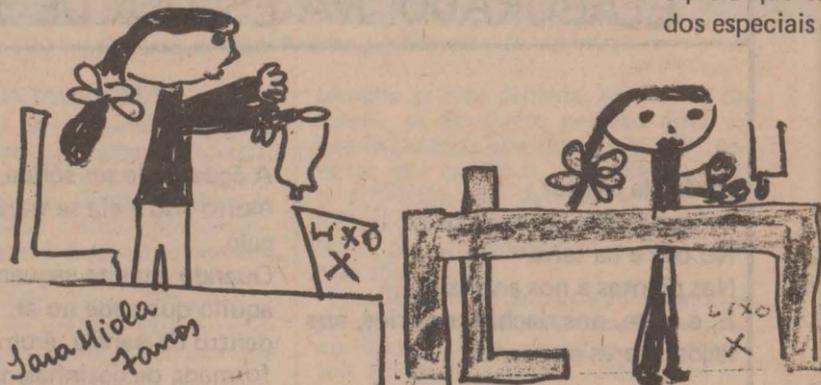
Nosso filtro foi feito com um tubo de plástico, rocha, canudinho, algodão, areia, cascalho grosso e fino e carvão moído.

A professora cortou o fundo do frasco, colou uma rolha com um canudinho dentro.

O Artur trouxe cascalho grosso e fino, a Carolina e a Lismara trouxeram frascos, o Jocelito e a Jalusa trouxeram carvão, o Cristiano trouxe a rolha, a Tia Cida deu o canudinho. A professora Solange trouxe o algodão.

Montamos nosso filtro assim:

Primeiro colocamos uma camada de algodão, depois



De onde vem a água da

Vocês já viram um depósito d'água que está sobre uma torre? Por que são tão fortes? Para que servem? Por que os necessitamos? Quem os usa?

Abra uma torneira e veja, que a água sai rápido. Se você abrir a tampa de uma cisterna ou caixa d'água vai observar que existe água dentro dela.

De onde vem toda esta água?

Onde está localizado o depósito de água de nossa cidade?

Você sabia que existem muitos canos que saem do depósito e vão para as casas, edifícios e armazéns.

Mas... de onde vem a água que está no depósito?

A chuva, os lagos e rios são fontes de abastecimento de água.

Agora que vocês já sabem que existem os depósitos de água e a forma como ela chega às torneiras, peça ao pai e a mãe ou a professora para realizar uma excursão a um depósito elevado de água e a uma estação de tratamento de águas. Você vai conhecer muitas coisas interessantes.

Façam também uma pequena visita até as redondezas da escola para conhecer outros depósitos de água. Ver as torneiras, os canos subterrâneos, o registro e o contador.

O que é, o que é?

- 1 — O que o asfalto disse para a mesa?
- 2 — O que caminha, caminha e vai perdendo as tripas?
- 3 — Quem compra não usa, quem usa não vê, quem vê não quer usar?
- 4 — O que é cheio de buracos, mas segura muita água?
- 5 — O que é feito para andar mas não anda?
- 6 — O que falta numa casa para formar um casal?
- 7 — O que começa com "c" e termina com "u" e as vezes está sujo?

Resposta página 4

Colaboração da garota Rosane Arenhart — Augusto Pestana

o cascalho grosso.

A primeira que o Paulo e a trada várias vezes ficando cada um saído mais limpo pois ela precisa

Observação sem dificuldade material sólido

Em muitos este processo de germes, por isso cloro para mata aquela que está dos especiais por

Você vai pela força da bir.

Água

(Série As águas porque os rios e tudo

São São que que

que está suja?

lino, areia e, por último o carvão moído.

que filtramos foi uma água barrenta e muito trouxeram. A água foi sendo filtrada e pudemos observar que a água foi mais clara e limpa. Apesar da água ter sabemos que não podemos tomá-la, melhor filtrada e tratada.

alunos observaram que a água saiu limpa e canudo, porém a maior parte do líquido ficou no filtro.

mas de purificação de água, se usa filtração. A água filtrada pode conter ainda uma pequena quantidade de impurezas. Como sabem, a água potável, isto é, em condições de ser bebida, existe cuidadosamente não deve ser desperdiçada.



torneira?

também que a água do depósito sai, quente. A água desce, mas não pode su-



as tristonhas

minhos Fidene. Vol 1º)
correm tristonhas
elas estão a morar
os que poluem
bom matar

Não se vê nem água limpa,
nem peixinho a deslizar,
não se vê a borboleta
em suas faces pousar

sujas e mortas,
contaminadas,
matam todo homem,
em a passarada

A água

1 -- Ciclo da água

Os cientistas estimam que 97% da água da terra está contida nos oceanos como água salgada. A água doce, contida nos rios e lagos corre em direção aos oceanos e representa apenas 3% do suprimento de água do globo.

De toda a água doce do planeta, 75% está armazenada como camadas de gelo ou como geleiras. Logo, os oceanos contêm 97% da água do planeta, o gelo contém mais de 2% e menos de 1% é a quantidade de água doce disponível. Onde está essa água disponível? Uma boa parte está no solo, preenchendo os poros entre os grãos de terra. A atmosfera também contém certa quantidade de água doce no estado gasoso. A atmosfera com suas nuvens é importantíssima, pois mantém a circulação de água sobre a Terra. Nos organismos vivos vegetais e animais está armazenada, ainda, outra parte daquele 1% de água doce disponível. No seu próprio organismo, 60% do peso é representado por água.

As plantas necessitam de uma quantidade de água muito maior do que a produzida na fotossíntese, por elas mesmas. São necessários 750 litros de água para produzir 2 quilos de arroz seco.

Um hectare de plantação pode eliminar, como vapor, 40 toneladas de água por ano. As moléculas de vapor d'água na atmosfera, unem-se formando gotas ou cristais de gelo, que podem cair como alguma forma de precipitação: neblina, garoa, chuva, neve, sereno, etc. Essa precipitação pode infiltrar-se, no solo ou escoar superficialmente. A precipitação que atinge o solo e nele se infiltra tende a penetrar até alcançar a camada de rocha impermeável. Aí será formado o lençol subterrâneo ou lençol freático. A água que não se infiltra, que permanece na superfície do solo ou sobre vegetação, assim como a água de rios, lagos e oceanos, evapora, retornando para a atmosfera e constituindo as nuvens.

Talvez algumas moléculas de água que saíram de seu chuveiro hoje, tenham feito parte, outrora, das águas do Amazonas.

A reciclagem de água na atmosfera é rápida: a atmosfera nunca retém mais do que um suprimento de chuvas para 10 a 11 dias.

2 -- A água e os seres vivos

A água é essencial para todas as formas de vida. O modo de vida terrestre evoluiu em concordância com as estratégias de obtê-la e conservá-la. Os animais terrestres ganham água e solutos de três maneiras: bebendo, comendo e produzindo água a partir dos alimentos.

Tanto o excesso como a insuficiência de umidade podem ser prejudiciais ao organismo. Plantas terrestres sujeitas a submersão prolongada, particularmente durante a estação de crescimento, morrerão por falta de oxigênio para as raízes.

Poluição da água e a vida aquática

Os agentes poluentes do meio aquático são inúmeros. A água pode ser contaminada por fertilizantes, praguicidas, incluindo inseticidas e fungicidas, entre outros. Os detergentes também causam as camadas de espuma que aparecem muitas vezes sobre os cursos de água, as quais impedem as trocas de oxigênio entre a água e a atmosfera. Essas densas camadas de espuma impedem, também, a penetração de luz privando assim as plantas aquáticas da realização da fotossíntese.

3 -- O excesso de água para os seres vivos.

A minhoca, é um organismo com proteção incompleta contra a evaporação. Ela é sempre encontrada em locais com ar bastante úmido. Você já deve

ter se perguntado por que minhocas mortas são mais frequentemente encontradas no chão dos jardins, após as chuvas. Se elas necessitam de umidade, porque morrem quando chove muito?

As minhocas são conhecidas por sua ação benéfica na aeração do solo. Alimentando-se dos grânulos e de matéria orgânica do solo, fazem galerias e túneis que vão sendo preenchidos por ar. Quando as chuvas são intensas ou de grande duração, esses túneis ficam cheios de água e a minhoca, para não morrer afogada, é obrigada a ir para a superfície. Terminada as chuvas, o ar perde a umidade e a minhoca, se não retornar a tempo ao interior do solo, é vitimada pela perda de água e morrer.

4 -- Pesquisando água nos alimentos

a) Material: tubo de ensaio, lamparina a álcool, grãos de feijão, grãos de soja, batata, açúcar, carne, maçã, pera, pêssego, etc.

Procedimento: — Tome um tubo de ensaio limpo e bem seco e coloque os grãos de feijão no seu interior, aqueça-o levemente na chama de uma lamparina ou vela.

— Coloque pedacinhos de batata em outro tubo de ensaio (limpo e seco) e aqueça-o levemente.

— Num terceiro tubo coloque um pouco de açúcar e aqueça-o.

— Repita as experiências usando outros tipos de alimentos.

Obs: — a formação de gotículas de água nas paredes do tubo devem ser observadas e questionada a sua procedência.

— Fazer uma comparação em qual dos alimentos tem mais água.

b) Material: 500g de carne sem osso, sal, balança.

Procedimento: — Pesar a carne para certificar o peso

— Salgar a carne

— Expor a carne durante 10 dias ao sol a fim de desidratar.

— A partir da experiência questionar a quantidade de água nos organismos vivos e sua importância

— Pergunte: O que devemos fazer para não desidratarmos? Através de que meios ingerimos líquidos?

— Você pode debater com os colegas as diversas formas pelas quais ingerimos líquidos:

— tomando água pura

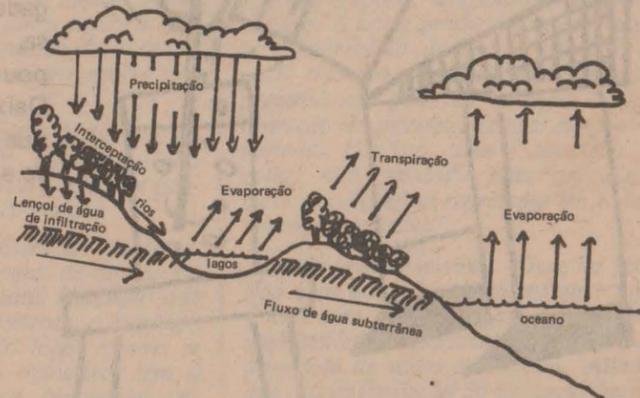
— tomando sucos de hortaliças

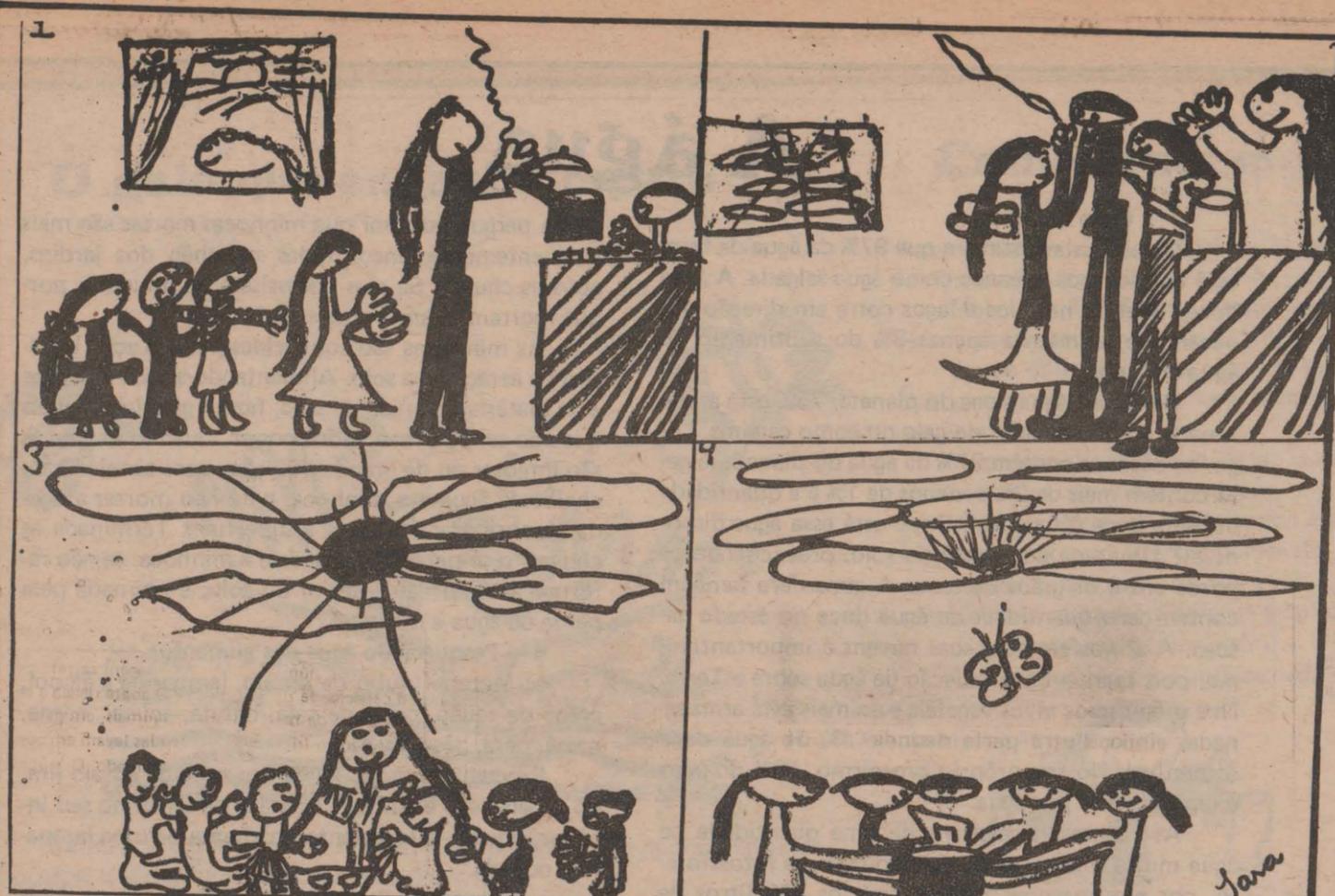
— ingerindo sopas e chás

— tomando leite

— ingerindo alimentos em geral

Texto: Emília Barcelos Nascimento — Professora de Ciências da EFA





Invente palavras

Escreva nos retângulos palavras que iniciem com as letras da palavra água.

A

G

U

A

Agora invente outras palavras com as letras do seu nome.

O que é, o que é?

- Respostas
- 1 - Feche as pernas senão vejo tudo.
 - 2 - Agulha com linha.
 - 3 - Caixão de defunto.
 - 4 - Esponja.
 - 5 - A rua.
 - 6 - A letra "l".
 - 7 - A palavra "céu".

Relato de experiência

Hoje, os alunos da 2ª série, realizaram uma experiência para ver a transformação da água do estado líquido para o gasoso e do gasoso para o líquido e do estado sólido para o líquido.

Em primeiro lugar a professora colocou uma chaleira com água da torneira no fogo. A água começou a ferver e se transformar em vapor d'água. Depois a professora pegou um pires e deu para as crianças coloca-

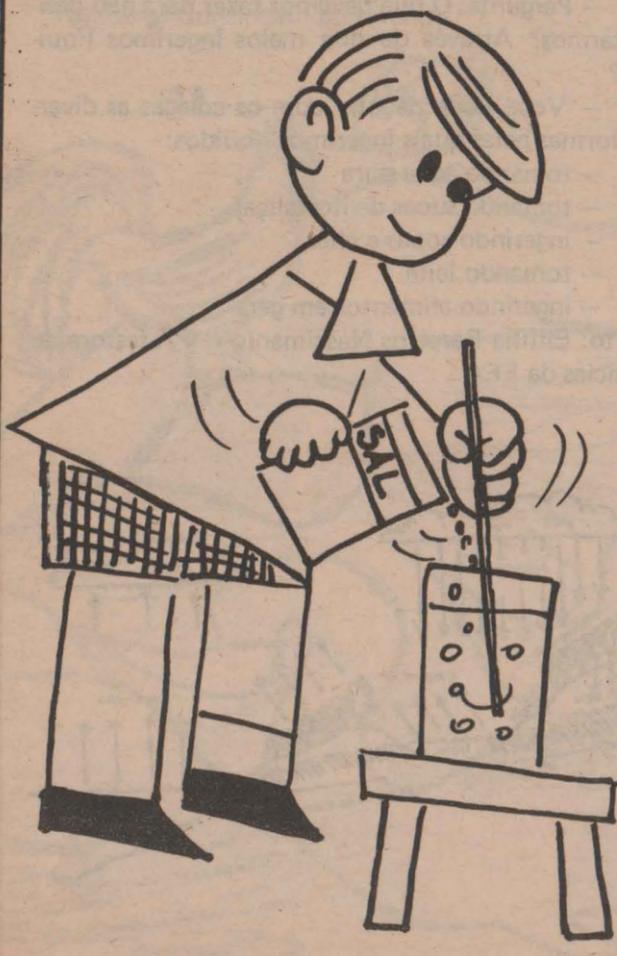
rem a mão. O pires estava seco. Em seguida a professora colocou o pires em cima do bico da chaleira. Apareceram gotinhas de água no pires. Depois foi colocado gelo no sol e vimos o gelo derreter e se transformar em água.

Fomos ao bebedouro da escola e provamos a água. Ela não tem cheiro e é incolor.

Ilustração: Iara Lechat Miola - 7 anos

Vinicius Medeiros - 07 anos

Experimente você mesmo



Que acontece quando se adiciona sal na água?
 Coloque num copo de água, um pouco de sal grosso.
 Dá para vê-lo no fundo?
 Mexa a água até o sal desaparecer por completo.
 Para onde ele foi?
 Prove a água: está salgada? Portanto, o sal está na água, mas não podemos vê-lo.
 Que tal recuperar um pouco do sal dissolvido na água?
 Encha uma colher com água salgada e esquente-a numa vela acesa. A água vai desaparecer aos poucos e a colher ficará seca.
 Deixe a colher esfriar e observe que alguma coisa ficou nela: prove e veja o que é.

Faça outra experiência

Faça outra experiência:
 Encha um copo de feijão e depois cubra-os com água.
 Dá para ver a água?
 Observe o copo novamente amanhã: será que ainda se pode ver a água?
 Será que ela vai ser absorvida pelos feijões?

